

TRANSVERSALIDADE NO JORNALISMO



CRISE SANITÁRIA DOS YANOMAMI

Organizadores

Leila Ronize
Thiago Silva
Leticia Rolim



SUMÁRIO

Apresentação	<u>3</u>
1º Período	<u>4</u>
2º Período	<u>19</u>
4º Período	<u>24</u>
5º Período	<u>26</u>
7º Período	<u>29</u>
Encerramento	<u>70</u>



THE NEWS

apresentação

Neste e-book será apresentado os trabalhos feitos na atividade transversal do curso de Jornalismo

ATIVIDADE TRANSVERSAL

É uma prática cada vez mais comum nas instituições de ensino superior, que busca integrar diferentes disciplinas e áreas de conhecimento em um mesmo projeto ou atividade. No curso de Jornalismo, essa prática se torna ainda mais relevante, pois permite que os estudantes compreendam a importância da interdisciplinaridade para a formação de um jornalista completo e preparado para atuar em diferentes áreas. Neste ebook, iremos contextualizar a temática escolhida para as atividades transversais realizadas pelas turmas do curso de Jornalismo da Fametro: a crise sanitária dos Yanomami. Ao longo das páginas, você encontrará os trabalhos realizados por cada turma, que exploraram a temática de diferentes formas e abordagens, desde a produção de um paper científico até a organização de um evento sobre o Dia do Jornalista.

Cada trabalho apresentado neste ebook traz uma perspectiva única sobre a crise Yanomami, e todos eles evidenciam a importância do jornalismo como ferramenta de conscientização e mobilização social. Além disso, essas atividades transversais mostram como é possível integrar diferentes disciplinas do curso de Jornalismo para a produção de um trabalho mais completo e rico em conteúdo. Com isso, esperamos que este ebook sirva como uma inspiração para outras turmas e instituições que desejam explorar a atividade transversal como uma forma de enriquecer a formação dos futuros jornalistas e fomentar o debate sobre questões relevantes da nossa sociedade.



1º PERÍODO

PRODUÇÃO DE ARTIGOS OPINATIVOS SOBRE O ASSUNTO:

"VIOLÊNCIA E APAGAMENTO DA VOZ
INDÍGENA NO BRASIL - O CASO YANOMAMI"

Disciplina:
Antropologia
e Sociologia

Professora:
Cleiciane
Maia

A DESVALORIZAÇÃO DA VIDA E HISTÓRIA DOS YANOMAMI

Kaelyson Moraes

No começo deste ano, o Brasil e o mundo foram surpreendidos com as denúncias da trágica situação em que se encontra o povo Yanomami. Embora as imagens de desnutrição e miséria sejam de fato chocantes, isso não aconteceu de ma hora para a outra, pelo contrário, foi necessária muita vista grossa do governo para que as circunstâncias se exacerbassem, isto é, um total descaso.

Essa postura em relação a esse povo originário é algo que não vem de hoje e pode, facilmente, ser relacionado aos tempos em que os primeiros navios portugueses atracaram no litoral brasileiro, dando início à colonização. É de conhecimento de todos as diversas violências praticadas aos indígenas naqueles tempos, violência física, religiosa, cultural, dentre outras.

É entristecedor perceber que, séculos depois, os Yanomami são tratados por nós, os colonizados, assim como eram tratados pelos colonizadores. Tudo isso justificado por discursos que pregam o desenvolvimento da nação. Mas a que custo? Um dos maiores exemplos de agressores aos Yanomami é a prática do garimpo ilegal. Seríamos nós, enquanto sociedade, capazes de relevar o sofrimento e lamúria desse povo contanto que no fim tenhamos belos colares para por no pescoço e anéis para por nos dedos?

Precisamos olhar para os Yanomami com afeto e empatia, pois estamos tratando dos primeiros brasileiros. Quando a sociedade atingir esse nível de sensibilidade poderemos finalmente dizer que valorizamos a vida e a história dos Yanomami, a nossa própria história.

O GENOCÍDIO YANOMAMI: UMA CRISE HUMANITÁRIA E UM ALERTA BEM GRANDE AO PLANETA



Keully Meireles Leal

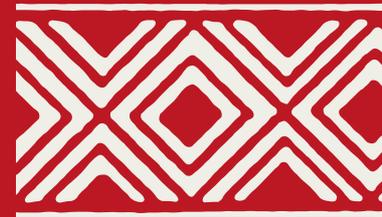
Desde o início do seu contato com o homem branco, o povo Yanomami vivenciou diversos impactos ao seu modo de vida e a sua cultura. A ação violenta de garimpeiros, madeireiros e agropecuaristas nas terras das aldeias yanomamis aprofundaram históricas violências, assim como os graves surtos de doenças e de desnutrição, que se traduzem em um grande impacto ambiental e social. Não é de hoje que as comunidades indígenas vêm sofrendo na luta pela preservação da floresta, das suas crenças, culturas e pela própria existência. Antes da invasão portuguesa, havia cerca de 2 milhões de Indígenas no Brasil, hoje segundo dados do IBGE são pouco mais de 817 mil, um verdadeiro massacre.

Seus ancestrais desde a colonização sofrem com toda a ganância a acultramento dos colonizadores. Povos há anos esquecidos e violentados ainda mais no último governo de Bolsonaro. Atualmente, os Yanomami enfrentam, além do desmatamento, da pesca ilegal, da ação do garimpo, graves surtos de doenças como: Malaria, pneumonia, infecções causadas pelo contato com mercúrio, desnutrição e tantas outras. Ações que modificam o equilíbrio do ambiente local, transformando o território de habitação dos indígenas, e fortalecendo um processo histórico de extermínio dessa população.

Questões que se dão pela inexistência de uma estrutura básica de saúde e segurança. Recentemente, o governo federal em parceria com demais órgãos ligados à defesa dos povos indígenas, fizeram uma ação humanitária nas comunidades mais atingidas pela fome e desnutrição, cerca de 570 crianças morreram sem socorro ou amparo do estado. Essa realidade impacta negativamente na sobrevivência dessa população e na sua qualidade de vida.

Portanto, é fundamental ações voltadas para construção de políticas públicas, fortalecimento de órgãos governamentais e de incentivo a projetos sociais para a população yanomami. Mas sobretudo é importante ouvirmos o alerta dessas vozes. Para onde estamos levando nosso planeta? Uma vez que estamos matando os verdadeiros guardiões da floresta, dos rios e da Fauna, que denunciam a séculos, possíveis danos climáticos a toda população mundial, com o agravamento das queimadas, poluição e desmatamento. Não é só sobre eles, é sobre todos nós. Até quando vamos conseguir sobreviver?

O CENÁRIO CRÍTICO DE UMA ILEGALIDADE



Geovana Silveira

Povos originários do Brasil, os indígenas merecem total proteção e preservação, principalmente de suas terras. Percebe-se, que tal título não acarreta esses benefícios, pois vemos que desde a chegada dos Portugueses ao Brasil, desrespeitam suas propriedades e modo de vida. Atualmente, ficou em evidência uma situação um tanto quanto semelhante a essa, que foi o alarmante genocídio dos indígenas Yanomamis, grande parte devido ao aumento da garimpagem ilegal em suas terras nos últimos anos, o que deixou em evidência o descaso do governo para com esses povos.

No todo, a garimpagem não é crime, entretanto, é ilegal essa atividade em terras indígenas. Essa atividade teve um crescimento durante os últimos anos nas terras dos índios Yanomamis. De acordo com o Sistema de Monitoramento do Garimpo Ilegal de Hutukara Associação Yanomami, nos anos de 2019 e 2021 aumentou 1.963% a área garimpada ilegalmente na Terra Indígena Yanomami, em comparação há 10 anos atrás, por conta de pouca segurança por parte das autoridades e a fragilidade nas leis de proteção que são destinadas a eles.

Consequentemente, inúmeros impactos negativos atrelados a propagação dessa atividade são registrados, dentre eles podemos listar: a alteração da vida cotidiana e da alimentação; a poluição dos rios; a destruição das florestas; além da contaminação por mercúrio que traz danos à saúde deles e muita das vezes ocasiona até a morte, em virtude da falta de atendimento médico especializado. E a maior causa do aumento do número de mortes e de destruição dessa comunidade é a negligência federal, devido à falta de recursos, atenção e saneamento básico, pois de acordo com o Ministério da Saúde, nos últimos quatro anos, 570 crianças Yanomamis morreram por doenças evitáveis, o que sustenta o descaso.

O genocídio dos povos originários no Brasil constitui no extermínio das populações indígenas, tanto pelos conflitos violentos quanto pelas doenças ocasionadas pelo garimpo ilegal, logo, deve-se fortificar as leis de proteção contra as atividades garimpeiras ilegais nessas áreas indígenas, dando também uma maior visibilidade e importância a esse problema, além de uma maior garantia de saúde e de segurança para com eles, com o intuito de diminuir as mortes e a destruição de suas terras.

O GENOCÍDIO YANOMAMI: A CONSTRUÇÃO DA VOZ CONTRA A CULTURA DO ESQUECIMENTO



Élida Figueiredo e Fabiana Araújo Gomes

Opovo indígena da etnia Yanomami entrou em foco das notícias mundialmente, depois das primeiras notícias de desnutrição infantil, a partir daí outros casos vinham à tona, como a contaminação por mercúrio. O isolamento geográfico, escassez de alimentos e profissionais de saúde indígena é o que limita ainda mais a sobrevivência e manutenção da boa saúde desses povos.

A região está em emergência de saúde desde 20 de janeiro. Em meio à crise, as crianças indígenas são as mais atingidas, principalmente pela fome. Entre elas, o caso de uma menina de quatro anos de idade que chama atenção pela pesagem que chega a apenas nove quilos, equivalente de uma bebê de pouco menos de um ano, ou seja, muito inferior ao peso ideal de 16 quilos para esta idade.

No cume de grande parte dos problemas que afligem essa população está a invasão de garimpeiros, que causam a extração de minérios. A mineração ilegal usa o excesso de mercúrio para separar o ouro de outros resíduos, o que contamina os peixes, matando rios, perda da vegetação e, como resultado, animais fugindo.

Em estudo do ano de 2019, realizado pela Fiocruz com os indígenas Yanomami foi descoberto que o mercúrio estava presente em 56% das mulheres e crianças na região de Maturacá, no estado do Amazonas, quando acontece a ingestão excessiva desse metal, os riscos para a saúde são diversos, entre eles o mais atingido sendo o sistema nervoso central, ao comer um peixe contaminado pelo mineral por exemplo.

Desta maneira, o fortalecimento de políticas públicas e em especial o endurecimento de leis sobre a exploração de minérios seria uma forma de tentativa de coibir práticas ilegais de exploração e de contato desses mineradores com esses povos indígenas, o que favorece a preservação da mata e da vida.

O GENOCÍDIO YANOMAMI E A POLITICAGEM BRASILEIRA



Ramilly Vieira

A etnia Yanomami concentra mais de 30 mil indígenas habitantes do norte da Floresta Amazônica, entre Venezuela e Brasil. Com a invasão do garimpo ilegal, o povoado sofreu drasticamente com as consequências deste desserviço, trazendo à tona uma crise humanitária envolvendo crianças, adultos e idosos.

O garimpo ilegal acarretou diversos problemas ao povo Yanomami com a invasão à terras indígenas, prejudicando-os com a fome, violência, doenças e a morte. O garimpo vai justamente atacar a cadeia alimentar básica dos Yanomami, pois são um povo que vivem da pesca, da caça e da agricultura. Sendo assim acontece um grande impacto ambiental, onde afetou diretamente aqueles mais dependiam da força florestal.

No cenário interno e com repercussão internacional, nota-se que o governo brasileiro tem adotado uma postura ineficaz, dura e anticonstitucional em relação à violação dos direitos indígenas. Reconhecendo que as atuais políticas indígenas são insuficientes para combater práticas de genocídio e limpeza étnica contra as populações Yanomami. Isto, pois, além de haver um contraste entre uma assistência jurídica garantida normativamente e a realidade de antagonismo institucional abordada, com falta de assistência governamental, impedindo uma efetiva concretização de direitos constitucionais recebidos.

A política indigenista deve se adequar às diversas formas de comunicação existentes entre os povos indígenas, sejam elas isoladas, intermitentes, contínuas ou integradas. E também, deve-se integrar uma política indigenista no Brasil fomentada por ação de coletivos e organizações não governamentais que fomentem um olhar crítico para a necessidade de políticas indígenas mais permeáveis às instituições brasileiras, como o Instituto Hutukara Associação Yanomami.

Entende-se que o Brasil precisa de uma agenda indígena que radicalize a restauração de seus sistemas de proteção e apoio indígena. Isto é, a reconfiguração do quadro técnico da FUNAI, por integrantes indigenistas e protagonistas indígenas. Mostra-se a necessidade de dismantlar as bases de exploração institucional estabelecidas colonialmente no Estado brasileiro e resgatando o ideal de um Brasil que emerge do protagonismo e soberania dos povos originários. Que tenha efeito emancipatório e seja social e etnicamente responsável com as populações indígenas para garantir o cumprimento de seus direitos, opor-se às práticas genocidas e alcançar uma nação justa, democrática e consciente.

A CRISE SANITÁRIA ACENTUADA PELO GARIMPO ILEGAL

Luana Carvalho

Ao longo de décadas, povos indígenas sofrem com ação de garimpeiros responsáveis pelos impactos ambientais na Amazônia. Além disso, sofrem com as consequências trazidas da atividade ilegal, como doenças ocasionadas por uma série de fatores, pelos quais estão afetando a saúde dos Yanomami e matando diversas pessoas com a desnutrição. Com isso, a crise sanitária e a precariedade da assistência à saúde se torna um fator predominante para a elevação do grau de risco em que esses povos estão submetidos.

Poucos têm acesso aos serviços de saúde. O povo Yanomami sofre com a falta de medicamentos o que ocasiona a desnutrição. Não existe um plano de manejo de resíduos sólidos, nem esgotamento sanitário. Com isso, os altos níveis de desnutrição infantil e alta prevalência de doenças respiratórias, tais como: pneumonia, tuberculose, malária que estão espalhadas pela comunidade dentre outras vem resultando na morte de 570 crianças por desnutrição e causas evitáveis nos últimos anos. A terra indígena sofre muito com a invasão dos garimpeiros, dificultando ainda o acesso de equipes de saúde a estes povos, diz o ministério público federal.

Portanto, a ameaça dos povos Yanomami só pode ser superada, combatendo garimpeiros ilegais que invadirem suas reservas, sendo essencial que todos trabalhem juntos para garantir a sobrevivência e o bem estar da comunidade. Para isso, uma iniciativa deve partir do governo federal, que tem o poder de criar e avançar com políticas públicas para ajudar estes povos a saírem da grave crise em que vivem em seus territórios.

O FIM DE UMA CULTURA?

Rebecca Marinho

Nas originárias terras indígenas que, a princípio, não era conhecida como Brasil, mas sim, como Índia, os relatos dos primeiros contato dos indígenas com os portugueses não são tão confiáveis, pois eram feitos pela visão dos invasores, já que as vozes indígenas não conheciam a escrita da mesma maneira que o europeu. A imposição da linguagem através da religião deu início ao apagamento do dialeto original dos povos que habitavam o Brasil no período de colonização.

As declarações feitas por líderes indígenas e membros da tribo deixam claro o quanto sentem a perda de sua cultura e, mais ainda, de sua voz. A tribo Yanomami, em específico, vive em uma extensa área entre a Amazônia brasileira e venezuelana. O local foi cedido oficialmente em 1992 e visava a preservação do povo Yanomami e de sua cultura. Anos depois, foram descobertos minérios em suas terras, o que desencadeou o início da corrida do ouro.

O contato dos garimpeiros ilegais com os Yanomamis trouxe o aumento de doenças, contaminação do solo e exploração dos cidadãos indígenas. O garimpo, não sendo suficientemente prejudicial, também trouxe o tráfico de drogas e armamento, que tomou a situação ainda mais difícil de ser controlada.

A luta do povo indígena é histórica e se agrava no período de 2019 até os dias de hoje, momento no qual é relatado mais de 21 pedidos de socorro às organizações como FUNAI, exercício brasileiro e polícia militar. O livro "A Queda do Céu", retrata de forma detalhada essas situações vistas através de olhos indígenas, relatado pelo xamã Davi Kopenawa. Além disso, o livro traz novamente os questionamentos sobre seu povo, sua cultura e, principalmente, sobre sua voz.

A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO DA CULTURA E DA IDENTIDADE DOS POVOS YANOMAMI



Raiza Barbosa da Costa

A preservação da cultura e da identidade dos povos Yanomamis, uma necessidade urgente em nosso país. Os Yanomamis são um dos povos indígenas que habitam na região amazônica há milhares de anos e possuem uma cultura rica em tradições e conhecimentos ancestrais.

início ao apagamento do dialeto original dos povos que habitavam o Brasil no período de colonização.

Eles têm uma estreita relação com o meio ambiente e sua cultura é fundamental para a conservação da biodiversidade da Floresta Amazônica. No entanto, seus povos estão ameaçados por diversas pressões externas, como a exploração ilegal de recursos naturais em seus territórios, a invasão de suas terras por fazendeiros, madeireiros e garimpeiros.

Por conta dessas invasões, as atividades de explorações acabam afetando não só os Yanomamis, mas também toda a região amazônica e o planeta como um todo. Atualmente, as comunidades indígenas estão passando por uma complexa transformação social e cultural, necessitando assim buscar novas respostas para a sua sobrevivência física e cultural para que possam garantir às próximas gerações melhor qualidade de vida.

Portanto, é fundamental manter a preservação da cultura e identidade dos Yanomamis, pois eles são essenciais para a diversidade cultural e valorizar a sabedoria ancestral é garantir o futuro desses povos e suas tradições. É de suma importância também, reconhecer a importância da autonomia, a autodeterminação das comunidades indígenas, respeitar seus modos de vida, criar espaços de diálogo e aprendizado mútuo entre os Yanomamis e a sociedade brasileira para que haja respeito às diferentes culturas, valorização dos saberes e fortalecendo cada vez mais as suas organizações e incentivando a participação política dos povos indígenas.

GENOCÍDIO YANOMAMI: CONTATO E DESTRUIÇÃO



Guilherme Souza Oliveira

O primeiro contato dos povos portugueses e espanhóis com os povos originários desenvolveu e desenvolve acontecimentos vistos por muitos na época, e ainda na atualidade, como processos de evolução. No entanto, tais atos são brutais e não são mais do que a extinção da cultura e da vida, progredindo e estimulando o preconceito e o ódio. Comprovando este fato,

o povo Yanomami, ou seja, mais de vinte e sete mil indígenas, vive na floresta amazônica de forma precária e desumana pois vítimas do descaso e da violência do garimpo ilegal. Desde o início da corrida pelo ouro em Roraima, em agosto de 1987, brutalidades e assassinatos vêm ocorrendo contra indígenas que habitam nas regiões onde o garimpo ilegal se instala com milhares de garimpeiros, destruidores da natureza, considerada uma entidade para os Yanomami e base de sua vida e saúde.

Os garimpos ilegais, para separação do ouro dos demais sedimentos, utilizam mercúrio que em excesso causa a contaminação dos rios e peixes, remoção da cobertura vegetal e a fuga dos animais, conseqüentemente se dá a escassez de alimentos e a precariedade da saúde dos povos residentes.

Além destes, há o abuso sexual, alcoolismo e prostituição ocasionado por este contato, milhares de jovens são forçadas a usar seus corpos como forma de sustento, armas, tabaco, álcool e drogas são postos nas mãos de jovens, e o acesso de profissionais da saúde é barrado pelos garimpeiros. A terra, saúde, alimento, respeito e a vida destes indígenas está sendo tirada de forma violenta e absurda, há dor e sofrimento onde antes havia cultura, paz e harmonia, eles são forçados a lutar com bravura e sangue por seu próprio lar, por suas crenças e, algo inacreditável para se pensar, pelo direito de viver.

A retirada destes garimpeiros das terras Yanomami é imprescindível para a restauração da vida e saúde destes indígenas, programas e incursões severas do Estado devem ser estabelecidas assim como o auxílio para reestruturação de seu lar manchado e destruído pelos invasores. É de extrema importância a propagação de informações da deplorável situação deste povo para a conscientização e união brasileira, para que os Yanomami tenham de volta a forma segura e saudável de viver sua cultura e verdade.

YANOMAMI É RESISTÊNCIA! O DESPERTAR XAWARA



João Vitor Marinho dos Santos

O branco não entende que ao extrair minérios da terra, estão espalhando veneno que permeia o mundo e que assim acabará por morrer. São coisas ruins e perigosas, cheias de tosses e febres que só Omama (o criador dos Yanomami) sabia. Hoje essas epidemias são chamadas de xawara. Xawara que mata Yanomami.

O que os brancos chamam de “minério” são as lascas do céu, da lua, do sol e das estrelas que caíram no primeiro tempo. Não é à toa que os brancos querem hoje escavar o chão de nossa floresta. Eles não sabem, mas as palavras de Yoasi, o criador da morte, estão neles. Assim é. Os garimpeiros são filhos e genros de Yoasi. Xawara é também o nome do que chamamos a substância do metal, que vocês chamam “minério”. Disso temos medo. A xawara do minério é inimiga dos Yanomami, de vocês também. Ela quer nos matar. Assim, se você começa a ficar doente, depois ela mata você. Por causa disso, nós, Yanomami, estamos muitos inquietos, diz Davi Kopenawa – Líder do povo Yanomami.

A população Yanomami é de aproximadamente 35 mil indígenas que vivem em cerca de 200 a 250 aldeias na floresta amazônica, na fronteira entre Venezuela e Brasil. Só no Brasil, são aproximadamente 17.000 Yanomami, distribuídas em cerca de 300 comunidades segundo o censo da Fundação Nacional de Saúde. No dia 20 de janeiro de 2023, a Agência de Notícias Sumaúma informou que cerca de 570 crianças menores de cinco anos morreram de doenças evitáveis na Região Indígena Yanomami (AM-RR) entre 2019 e 2022. Nos últimos cinco anos, a crise foi impulsionada pelo colapso do atendimento à saúde indígena e pela invasão de garimpeiros, resultando em múltiplos impactos sanitários, ambientais, socioculturais e econômicos nas comunidades.

Não é verdade que o pano de fundo da situação seja a suposta incapacidade produtiva dos povos indígenas. Pelo contrário, eles mantêm boas condições de vida conservando a terra e os recursos naturais. A mineração de ouro causa diretamente muitos problemas sérios entre os povos indígenas. No caso dos Yanomami, foi estabelecida uma ligação entre a atividade explosiva e o aumento de infecções como gripe e pneumonia. Seria o homem branco despertando a Xawara? Sim. A busca e o desejo pelo ouro segundo Davi Kopenawa, causaria a morte e a destruição dos povos da floresta, e geraria um conflito entre o branco e o indígena. É clara a ligação entre a devastação causada pela mineração ilegal e a propagação da malária, alimentada pela proliferação de invasores e crateras de água estagnada, resultado da atividade, e alimentando a propagação de mosquitos transmissores de doenças.



Devido ao contato relativamente recente e relativo isolamento, os povos indígenas têm defendido imunológicas mais baixas contra doenças comuns aos povos não indígenas. A ocupação do território, o desmatamento e a poluição das águas pela mineração têm dificultado a manutenção e o desenvolvimento das pastagens, principal fonte de alimentação das comunidades, que caçam, pescam e colhem frutas.

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem a destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri (guardiões invisíveis das florestas, espíritos nos quais os ancestrais animais dos povos Yanomami se transformaram), que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo.

Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar. Lutar, preservar e falar sobre, é necessário para mantermos o equilíbrio entre o homem e a natureza, podemos tomar como exemplo a resistência de um povo, que não esquece seus costumes e crenças, que assim protege a floresta da fúria Xawara.

O GENOCÍDIO YANOMAMI: DESVALORIZAÇÃO DA CULTURA DO POVO INDÍGENA



Vinicius da Silva Travassos

Nossos povos originários amavam sua língua própria e seus costumes e tradições, onde não tinham sua liberdade tomada por ordens daqueles que mais tarde tentariam apagar seus registros em sua terra de origem. Ao longo dos anos, passamos por uma constante luta para ganharmos um espaço de respeito em meio a sociedade até mesmo dentro do nosso país.

Para discutir sobre esse assunto é importante voltar para a época onde os portugueses e espanhóis pisaram no continente, que trouxeram consigo interesses em nossas terras. Nossos ancestrais passaram por capítulos de violência cometido por ordens — sendo elas: físicas, morais, religiosas e territoriais — tendo que deixar seus costumes e memórias de lado, a nossa língua de origem passou a ser desvalorizada junto com a cultura do nosso povo que infelizmente tiveram que se calar em meio a situação precária para conseguir sobreviver.

Diante desse cenário, faz-se oportuno rememorar a fala de Edilene Batista Kiriri “Enquanto existir uma erva, uma árvore ou um rio no planeta, nós indígenas existiremos”. A luta pela valorização da cultura indígena vem atuando até os tempos atuais, sendo até desvalorizada pela própria população brasileira, sem esse conhecimento implantado em nosso cotidiano, deixamos de lado nossa própria história, jogando fora a luta pelo nosso direito de ser humano no nosso território.

Faz-se necessário, ampliar o conhecimento linguístico, dando seu devido valor do nosso idioma de origem, além de sempre enaltecer nossos dados históricos sendo na construção de novos patrimônios públicos, ou em instituições de ensino para nunca deixar apagar nossa trajetória de luta e sobrevivência daqueles que tiveram seu sangue derramado em nossas terras.

A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA MULHERES E CRIANÇAS YANOMAMIS



Jovana Tabaraná

Na década de 80, teve início a corrida do ouro e a invasão de milhares de garimpeiros, que promoveram uma grande violência e destruição no lar dos Yanomamis. Além do desmatamento, a extração ilegal do ouro trouxe uma explosão de casos de doenças e violência sexual contra mulheres e crianças.

O corpo que mais sofre com a invasão do garimpo ilegal nas terras Yanomami, é o da mulher indígena, o maior peso está acima das costas dela, porque além da fome e desnutrição de suas crianças, há a violência sexual contra ela e suas filhas. As mulheres acabam vivendo angustiadas e com medo, pois em algumas comunidades os garimpeiros estão aliciando crianças e jovens, oferecendo comidas, bebidas, roupas, armas de fogo, em troca de sexo e pequenos serviços, como? uma das principais estratégias deles, é dar bebidas alcoólicas e drogas, pois quando já estiverem embriagadas, estupra-las. Além disso, um dos trechos de relatos de indígenas, selecionados pelo UOL, um garimpeiro oferece ouro para o irmão de uma das jovens para dormir com ela. “Aquela moça que você levou consigo é sua irmã? Se você fizer ela deitar comigo, eu vou pagar 5 gramas de ouro”, esse é um depoimento de um Yanomami sobre o aliciamento de um garimpeiro .

As doenças ocasionadas pelos invasores tem sido devastadoras para a saúde dos Yanomami. Muitos indígenas têm sido infectados com malária, gripe, pneumonia e sarampo, os quais são doenças altamente contagiosas e fatais para aqueles que não possuem insumos médicos, além da contaminação por mercúrio em terras indígenas, o que representa uma parte dos problemas ocasionados pelos garimpeiros.

Com isso, percebemos que é necessário haver uma ação estrutural, ou seja, com mais políticas públicas em prol dos Yanomamis, para enfrentamento ao garimpo ilegal. E que o governo interrompa a rede, que leva o ouro por meio de um sistema financeiro ilegal. Além disso, é preciso fazer uma operação conjunta de forças policiais e militares, para expulsar os garimpeiros deste território indígena, evitando a continuidade da violência contra mulheres e crianças yanomamis.

YANOMAMIS: O REFLEXO DE DIAS PASSADOS



Wellington da Silva Almeida

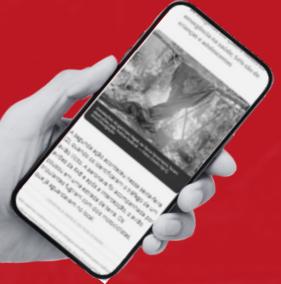
Violência aos povos originários sempre fora comum desde a invasão portuguesa ao Brasil, ainda que com amparo da Constituição de 1988, que lhes garante direitos, terras e proteção, a tribo indígena Yanomami vem sendo violada constantemente com a falta de assistência do Governo em combater a violência por parte do garimpo ilegal, com a ausência de fiscalização por parte dos órgãos responsáveis e a falta de visibilidade que acomete aos Yanomamis, implicando assim ao genocídio sofrido.

Não é de hoje que a tribo Yanomami sofre com as perdas de seu povo e com a exploração da sua terra por meio do garimpo ilegal, acarretando em um desequilíbrio ambiental de suas reservas, afetando não somente o ambiente, como a saúde da tribo, a entrada dos garimpeiros nas terras dos Yanomamis trazem inúmeras doenças aos indígenas, como a malária, hepatite, não sendo o bastante, rios têm sido contaminados com a presença de metais e equipamentos na reserva indígena, oriundos das explorações de garimpos irregulares, atingindo diretamente a alimentação da tribo, ocasionando uma crise humanitária e também sanitária.

Com a negligência tanto do governo estadual e federal em levar ajuda, a violência física contra os indígenas só aumenta, sendo coagidos a saírem de suas terras para não sofrerem ainda mais represálias de pessoas com interesses na exploração ilegal, dos garimpos, do desmatamento da floresta, além de levar ao extermínio das moradias dos Yanomamis como conhecem, mudando o ambiente ao redor. O pouco interesse em saber sobre os indígenas e de acompanhar mais, gera o poder de impunidade, seja de garimpeiros ilegais, principalmente, como de outros que desejam ter as terras indígenas dos Yanomamis, fruto do desamparo que as tribos sofrem desde o ano de 1500.

É necessário para os Yanomamis e para as demais tribos serem ouvidas de diversas maneiras, com a participação conjunta dos governos, e uma fiscalização capaz de combater a impunidade gerada pela insegurança que os indígenas vêm sofrendo desde, então. Imprescindível que seus direitos sejam respeitados, como também se faz valer, que os indígenas estejam entre as pessoas encabeçadas junto aos órgãos responsáveis pela manutenção da segurança às terras Yanomamis, com o princípio de manter as tribos protegidas e amparadas.

Y



2º PERÍODO

PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS SOBRE A TEMÁTICA DA CRISE YANOMAMI

SOS YANO MAMI



NEWS

Disciplina:
Laboratório de Redação
Jornalística

Professora:
Tânia Brandão



A situação desumana submetida aos Yanomami e as medidas rápidas que precisam ser tomadas

Genocídio: Extermínio proposital que aniquila, mata uma comunidade, um grupo étnico ou religioso, uma cultura ou civilização. Ação de aniquilar grupos humanos através da utilização de diferentes formas de extermínio, como a pobreza ou a fome em certas regiões do mundo.



Foto: Weibe Tapeba/Sesai/Divulgação

Manaus, 05 de Abril de 2023 | Leticia Araújo

Após 20 dias da passagem do mandato do ex-Presidente Jair Bolsonaro, no dia 20/01 o povo brasileiro é noticiado sobre o descaso que os povos indígenas sofreram durante esses quatro anos de governo. Na Terra Indígena Yanomami, em Roraima, aproximadamente 570 crianças de até cinco anos morreram de doenças que poderiam ser evitadas, vitimadas por desnutrição, malária, pneumonia, verminose e entre outras doenças. Só em 2022 foram confirmados 11.530 casos de malária, além de relatos de yanomami vítimas de violências sexuais, assassinados e desaparecidos.

Em janeiro de 2023, Júnior Yanomami, presidente distrital de saúde indígena de sua aldeia, relatou que encaminhou mais de 100 pedidos de ajuda ao Ministério Público Federal desde 2019 e nenhum foi atendido. Durante a pandemia de Covid-19, os yanomami também não foram atendidos pelas políticas de saúde e só em 2021, pelo menos 7 bebês morreram em virtude do coronavírus.

Os yanomami também tiveram acesso negado a medicamentos que não chegaram até o distrito de saúde que atende as aldeias. Quais providências foram tomadas quando se soube do descaso? Desde o decreto do governo sobre o estado de emergência humanitária e sanitária na área, trabalhando juntamente com as Forças Armadas, já

foram implantados postos de saúde para enfrentar a situação e recuperar também o esquema de vacinação que foi fragilizado na região. Ricardo Weibe Tapeba, secretário de Saúde Indígena, anunciou que o hospital de campanha, em Boa Vista, para receber os indígenas já está sendo erguido.

O objetivo principal do MIP, Ministério dos Povos Indígenas, é estabilizar a situação levando o necessário até a região, mas encaram um outro problema, a escassez de profissionais qualificados que se sintam seguros de trabalhar sobre a presença de garimpeiros.

A crise humanitária Yanomami não foi abraçada de forma eficiente pela mídia, diz assessora especial da bancada do Cocar

O descaso contra os povos tradicionais que lutam pela sobrevivência em meio a calamidade.



Foto: Caíque Rodrigues/g1 RR

Manaus, 05 de Abril de 2023 | Bruna Gabriely da Silva Pinheiro

Segundo um relatório divulgado pelo Ministério da saúde, a taxa de mortalidade nas terras yanomamis é de 10,7 mil óbitos causados pela desnutrição, doenças e as atividades garimpeiras que são a principal causadora do desequilíbrio ambiental daquela região.

As fotos recentes divulgadas nas redes sociais do estado precário em que os yanomamis se encontram deixa evidente o descaso do governo com os povos tradicionais do nosso país. A crise humanitária que se agravou nos últimos 4 anos deixou todos surpresos, porém, as denúncias são antigas.

Para a assessora da “bancada do cocar”, Ingrid Sateré- Mawé, A mídia também tem sua parcela de culpa, pois a crise não foi abraçada de forma eficiente. Ela acredita que o caso ganhou repercussão devida a mudança de cenário político.

Em uma entrevista feita pelo Ujnet, o jornalista amazonense, Fred Santana, contou que “muitas vezes a mídia só da relevância aos assuntos que dão engajamento e não os que são de extrema importância.”



Foto: Urihi/Divulgação

Entendendo a crise na Terra Indígena dos Yanomamis e suas consequências

Um plano explícito do Governo Bolsonaro, que legitima a extermínio de povos indígenas na tentativa de dizimar suas terras.



Foto: Fred Magno / O TEMPO

Bruna Victoria Lima dos Santos

No dia 20 de janeiro de 2023, a morte de 570 crianças, datadas entre 2019 e 2022, vítimas de desnutrição e doenças evitáveis, veio à tona. Com inúmeras fotos e dados publicados pela Agência Sumaúma, o conhecimento sobre uma crise camuflada pelos últimos 4 anos se tomou viral por incontáveis meios de comunicação, ganhando destaque pelo Brasil e mundo afora. Malária, garimpo, desnutrição infantil e morte. Essa era a realidade pela qual moradores de centenas de aldeias localizadas na Floresta Amazônica, os indígenas Yanomamis, foram submetidos ao serem ignorados e desprezados pelos olhares do Governo de Jair Messias Bolsonaro.

Apesar da saúde indígena sempre ter apresentado certa deficiência, após o ano das eleições de 2018, o estado de desestruturação se mostrou extremamente escancarado e ainda mais acentuado com a pandemia do Covid-19. Relatos de fechamento ou abandono de postos de saúde e descumprimento de jornadas de trabalho e metas de atendimento, distribuição de medicamentos com data de validade próxima ao vencimento e transporte por aeronaves sem autorização de voo foram constantemente ignorados pelo governo.

Além disso, com o presidente defendendo o uso da cloroquina a favor do tratamento do coronavírus, independente das contraindicações do uso por parte da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Ministério da Saúde deixou faltar doses destinadas aos casos de malária entre os habitantes das tribos. A Polícia Federal e o Ministério Público também seguem a apurar possíveis fraudes na compra de remédios, com lotes de medicamentos a serem averiguados dentro de zonas de garimpo localizadas no próprio território dos Yanomamis.

Órgãos de defesa asseguraram terem sido ignorados enquanto seguiam com denúncias contra o garimpo ilegal, sendo respondidos por Jair Bolsonaro apenas com omissão em prol dos invasores.

“HOUE OMISSÃO EM RELAÇÃO AOS YANOMAMI E OUTROS POVOS. GARIMPO É A PRINCIPAL CAUSA DA CRISE”, afirmou a Ministra da Saúde, Nísia Trindade.

Um dia após o caso ser decretado situação de emergência em breve entrevista à BBC News Brasil. Apresentando um histórico de simpatia com a prática, o ex-presidente chegou até a fazer uma vi-

sita a um local de exploração e teve total apoio de garimpeiros nas eleições de 2022. Reportagem de Sônia Bridi e Paulo Zero, no Fantástico, da TV Globo, mostrou que em dezembro de 2022, a área atingida pelo garimpo havia obtido um aumento de 300% em comparação ao final de 2018, antes das políticas positivas de Bolsonaro sobre a prática. Segundo o líder indígena Junior Hekurari, durante esses 4 anos todas as situações graves pioraram e desde então, eles seguiram sem qualquer tipo de ajuda.

Ao seguir para Roraima acompanhado de uma comitiva, o atual presidente se declarou surpreso com a cena que encontrou.

“SE ALGUÉM ME CONTASSE QUE EM RORAIMA TINHAM PESSOAS SENDO TRATADAS DESSA FORMA DESUMANA, COMO VI O POVO YANOMAMI AQUI, EU NÃO ACREDITARIA. O QUE VI ME ABALOU. VIM AQUI PARA DIZER QUE VAMOS TRATAR NOSSOS INDÍGENAS COMO SERES HUMANOS”, disse Lula.

Além de declarar emergência de saúde pública, o atual governo também criou o Comitê de Coordenação Nacional para o Enfrentamento à Desassistência Sanitária das Populações em Território Yanomami.

Segundo a Força Aérea Brasileira (FAB), cerca de 56 toneladas de alimentos e medicamentos já teriam sido enviados às tribos indígenas, além de mais de 1000 doentes terem sido atendidos no mesmo dia por uma equipe da Força Nacional do SUS.

Yanomami é um dos maiores grupos étnico indígena existentes no país habitado há mais de 1.000 anos na região, e até hoje é alvo de vários criminosos. A tribo vem sendo estudada por anos por antropólogos que deixaram para trás um vestígio de história traumática. Jacques Lizot foi um antropólogo francês que conviveu com a tribo por anos para estudos, e os resultados disso foram vários livros publicados sobre a cultura da tribo.

Em 200 o jornalista Patrick Tiemey publicou no Brasil um livro pela Ediouro "Como Trevas no Eldorado" contendo várias denúncias a diversos antropólogos de renome internacional como Jacques Lizot, ele foi acusado de abusar sexualmente de jovens indígenas por troca de presentes e por instituir prostíbulos na aldeia.

Em umas de suas passagens em seu livro Jacques refere-se as crianças yanomami como "pervertidas e adeptas da sodomia". Entrei em contato com Renan Albuquerque que é líder do grupo de pesquisa Nepam/Ufam que usou como tema yanomami em seu doutorado, Perguntei a ele sobre o antropólogo Jacques.

(Deborah Christina) Jacques Lizot descreve as crianças yanomami em seu livro "conto do yanomami" como crianças pervertidas, como você vê essa citação como profissional?

(Renan Albuquerque) "Afimar que crianças yanomami são pervertidas é no mínimo irresponsável, primeiro porque isso é feito de uma forma generalizada, outra coisa a exotização é um traço comum em descrições não indígenas sobre os afazeres indígenas tudo é exótico como se a algo fosse feito para chamar atenção então eu só posso reputar dessa forma com muita tristeza inclusive".

(Deborah Christina) Patrick Tiemey faz acusações de abusos sexuais cometido por Jacques Lizot, "abusava de garotos indígenas em troca de presentes, fez um harém de vítimas" Qual foi o impacto dessa acusação para a aldeia e para os antropólogos?

(Renan Albuquerque) "Bem entre a comunidade de antropólogos brasileiros da atualidade essa acusação é entre eles lá, não teve repercussão negativa das pessoas, souberam mas é uma situação entre eles, eles que se resolvam, a antropologia brasileira hoje é uma das melhores do mundo para levantamentos etnológicos é muito bem conceituada então eu não entraria nessa questão de como impactou os brasileiros, impactou eles lá".

Atualmente o principal porta-voz do povo Yanomami no Brasil é o xamã Davi Kopenawa, ele e escreveu o livro (A queda do céu) colocando a sua vivência na tribo, em seu livro colocou a relação da tribo com os brancos "Hoje, os brancos acham que deveríamos imitá-los em tudo. Mas não é o que queremos." Apenas mais um desabafo de um povo que deseja ser livre.





AO VIVO



4º PERÍODO

RADIODOCUMENTÁRIOS

EVOLVENDO A TEMÁTICA



Disciplina:

*Técnica de Locução,
Produção e apresentação
Para rádio e TV*

Professor:

*Helder
Mourão*



Radiodocumentário

Agência Comunica - Jornalismo Ceuni Fametro

Os estudantes do 4º período, mergulharam na temática da crise sanitária dos Yanomami por meio da disciplina de Técnica de Locução, Produção e Apresentação para Rádio e TV. Nessa Atividade, eles produziram um radiodocumentário.

SEGUIR



Sobre

O radiodocumentário é uma forma de explorar a narrativa radiofônica e transmitir informações relevantes de maneira impactante, capaz de envolver os ouvintes de forma imersiva, trazendo à tona as vozes e histórias que muitas vezes passam despercebidas.

[Clique no botão player do episódio](#) ▶ [ou escaneie o QR code](#)



- | | | | | | | | |
|----|---|-------------------|-------|-------|---|---|---|
| 01 | Crise sanitária dos Yanomamis
Anne Benarros | Radiodocumentário | 11:27 | ★★★★☆ | ▶ | ♥ | ↓ |
| 02 | SOS Yanomami
Eliane Matos | Radiodocumentário | 10:58 | ★★★★★ | ▶ | ♥ | ↓ |
| 03 | A história dos Yanomami não para por aqui
Gabrielly Vitória | Radiodocumentário | 11:14 | ★★★★★ | ▶ | ♥ | ↓ |
| 04 | Silenciamento dos povos indígenas
Iasmin | Radiodocumentário | 17:16 | ★★★★☆ | ▶ | ♥ | ↓ |
| 05 | Crise sanitária dos Yanomamis
Marcelo Moreira | Radiodocumentário | 14:50 | ★★★★☆ | ▶ | ♥ | ↓ |
| 06 | Crise sanitária dos Yanomamis
Matheus Freitas | Radiodocumentário | 12:57 | ★★★★☆ | ▶ | ♥ | ↓ |
| 07 | Silenciamento da voz indígena
Layon | Radiodocumentário | 10:49 | ★★★★☆ | ▶ | ♥ | ↓ |
| 08 | Crise sanitária dos Yanomamis
Marconi Alfaia | Radiodocumentário | 11:38 | ★★★★☆ | ▶ | ♥ | ↓ |
| 09 | Crise sanitária dos Yanomamis
Ramillys Batista | Radiodocumentário | 13:08 | ★★★★☆ | ▶ | ♥ | ↓ |

25



Radiodocumentário - Crise sanitária dos Yanomami
Agência Comunica - Jornalismo Ceuni Fametro

0:04



11:38





5º PERÍODO

EVENTO
DIA DO
JORNALISTA

Disciplina:
Comunicação
Organizacional

Professora:
Leila
Ronize

CASO POVOS YANOMAMIS

DIA 6/4

Estudantes de Jornalismo da Fametro realizaram debate sobre a Crise humanitária dos povos Yanomami. O evento foi realizado em alusão ao dia do jornalista no dia 6 de abril de 2023.

Para promover uma discussão sobre a atuação dos jornalistas na cobertura da "Crise humanitária dos povos Yanomami", os alunos do 5º período do curso de Jornalismo do Centro Universitário Fametro, realizaram no dia 6 de abril de 2023, uma roda de conversas em alusão ao Dia do Jornalista, e contou com a presença de diversos jornalistas renomados.



O evento aconteceu na unidade 2 da instituição, localizada na Avenida Constantino Nery, 3000, bairro Chapada, em Manaus.



TEMAS

Durante o evento, foram discutidos temas como a invasão de terras indígenas, a violência e a falta de assistência do Estado. Essa discussão se tornou ainda mais relevante diante da ampla repercussão que a crise dos Yanomamis teve na mídia nacional.

A jornalista Leila Ronize, coordenadora do curso de Jornalismo, esclarece que já se tornou tradição realizar alguma atividade relacionada ao Dia do Jornalista (07/04), com o objetivo de trazer consciência aos acadêmicos sobre uma das principais atribuições da profissão, que é informar com responsabilidade.

“A escolha do tema sobre a crise humanitária dos Yanomami foi pensada para falar justamente sobre a cobertura, porque graças as matérias e as denúncias que a mídia começou a levantar, é que o caso começou a chegar para a sociedade. A partir disso, é mais fácil as mobilizações de caráter social e de pressão dos formadores de opinião, para que os agentes públicos tomem providências”, explica.



“Eventos como esse são essenciais para promover o diálogo e a troca de ideias entre profissionais e estudantes da área. Essa é uma oportunidade única para se aprofundar no conhecimento sobre a profissão e entender suas responsabilidades, muito motivadora para nós futuros jornalistas”, destaca o estudante de jornalismo, Paulo Lemos.



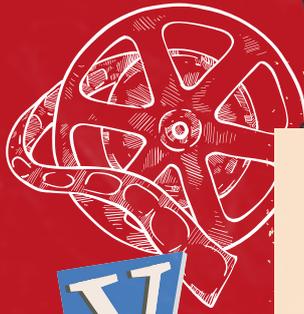
CONFIRA OS DADOS A
CRISE HUMANITÁRIA
QUE ATINGIU OS
INDÍGENAS YANOMAMI

CONVIDADOS

O evento foi realizado em dois turnos. No período matutino, o bate-papo foi mediado pela jornalista Karla Melo, repórter da Rede Amazônica, e teve como convidados: o jornalista Wilson Reis, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Amazonas; e o fotojornalista Rafael Alves, que atuou na cobertura do caso Yanomami.

Já no momento noturno, a conversa foi mediada pelo jornalista Pedro Tukano, do portal Vanguarda do Norte; com a participação dos jornalistas Alexandre Hisayasu, repórter da Rede Amazônica; e Gabriel Abreu, da Revista Cenarium; que cobriram o caso. Além da presença do fotojornalista Michael Dantas, e do diretor-presidente da TV Encontro das Águas, Oswaldo Lopes, que estiveram presentes no território.





7º PERÍODO

ANÁLISE DE DOCUMENTÁRIOS EVOLVENDO A TEMÁTICA



Disciplina:
Documentário

Professor:
Rômulo Araújo



ANÁLISE FÍLMICA DO DOCUMENTÁRIO: "A ÚLTIMA FLORESTA"

Andrews Bandeira - Antônio Mardilson - Cassia Monteiro - Tainar Vieira

RESUMO

Este artigo propõe apresentar uma análise fílmica sobre o documentário "A Última Floresta". A partir da elaboração de eixos analíticos para atividade da disciplina de Documentário, no curso de graduação em Jornalismo, buscamos elucidar o caminho percorrido de modo a dar nossas próprias perspectivas sobre a obra. É importante salientar que a análise fílmica é interpretativa, não possuindo um caminho único a ser percorrido.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário; Yanomami; A Última Floresta; Povos Indígenas.

OBJETO DE ANÁLISE

O objeto de análise é o filme documentário "A Última Floresta", produção que retrata o cotidiano em tempo presente dos Yanomami, além de explorar a narrativa entre as lutas para se proteger dos avanços dos garimpeiros e para manter sua tradição e cultura, contando a história de Omama e Thuëyoma, o casal que gerou os Yanomami.

O documentário, que conta com a direção de Luiz Bolognesi e roteiro de Bolognesi e Davi Kopenawa Yanomami, mostra a rotina dos Yanomami, grupo indígena que habita as terras nas florestas do Brasil e Venezuela há mais de mil anos. Nos anos 80, as terras Yanomami foram invadidas por 45 mil garimpeiros e ocasionou a morte de mais de 1500 indígenas.

As terras Yanomami foram reconhecidas legalmente em 1992 pelo governo brasileiro, mas no ano seguinte, garimpeiros invadiram uma aldeia assassinando 16 indígenas, episódio conhecido como Massacre Haximu. Com a pressão da imprensa brasileira e apoio internacional, Davi Kopenawa Yanomami conseguiu fazer com que o governo brasileiro cumprisse a lei e mantivesse os garimpeiros longe das terras Yanomami por 25 anos.

Com a entrada de um novo presidente, em 2019, mais de 20 mil garimpeiros invadiram o território Yanomami, causando um desmatamento desenfreado, poluindo os rios e levando doenças aos índios.

Davi Kopenawa é xamã e líder político do povo Yanomami, presidente da Hutukara Associação Yanomami, ativista na defesa dos povos indígenas e da floresta amazônica, além de

autor, roteirista, produtor cultural e palestrante. É uma das lideranças intelectuais, políticas e espirituais mais importantes no panorama contemporâneo de defesa dos povos originários, do meio ambiente, da diversidade cultural e dos direitos humanos, com reconhecimento nacional e internacional. (USP br)

O documentário está disponível na plataforma de streaming Netflix e, apesar de apresentar um olhar sensível e reflexivo sobre os Yanomami, o nome “A Última Floresta” traz um olhar de urgência para questões ambientais, pois segundo Luiz Bolognesi, “não tem floresta preservada sem povos indígenas dentro dela”.

ANÁLISE FÍLMICA

Para realizar a análise, precisamos considerar alguns aspectos, como a nomenclatura “A Última Floresta”, a linguagem audiovisual que dá forma ao produto e às temporalidades, usando o período retratado/gravado, ano de lançamento e o ano atual para fazer uma pesquisa sobre as circunstâncias econômica, social e cultural a qual refere-se o documentário.

Ao analisarmos o nome “A Última Floresta” antes mesmo de assistirmos, já temos uma introdução de ‘pedido de socorro’ e remete a algo que está em ‘extinção’ (que está acabando). E assistindo ao documentário, percebemos que o nome condiz ao longa, porque a narrativa do filme mostra de perto a resistência do povo Yanomami para não desaparecerem. “É um nome que a gente acha que vende a urgência e a importância desse filme. [...] “A Última Floresta” traz poeticamente um olhar de urgência. Precisamos olhar para os Yanomami, não tem floresta preservada sem povos indígenas dentro dela”, diz Luiz Bolognesi em entrevista para site Amazônia Real.

Do ponto de vista técnico, o documentário apresenta uma narrativa mais lenta, justamente por mostrar em tempo real os acontecimentos e por ser falado em totalidade no idioma Yanomami, nos prende enquanto espectador e nos coloca na perspectiva dos Yanomami. Com fotografia e som bem trabalhados, as imagens mostram de forma poética as crenças, como se relacionam com a natureza, paisagens naturais impressionantes, cenas do cotidiano, além de mostrar a realidade do garimpo ilegal nas Terras Yanomami.

O documentário utiliza uma narrativa não-linear, intercalando as histórias de Davi Kopenawa, xamã da aldeia Yanomami, e do garimpo que invade e tenta seduzir os indígenas. Essa abordagem ajuda a criar uma tensão dramática e a ilustrar a complexidade da situação na região. Além disso, o documentário conta com uma trilha sonora original composta por fumaça, que mistura sons tradicionais dos Yanomami com elementos eletrônicos e instrumentos modernos. A trilha sonora ajuda a criar uma atmosfera emocional e a ressaltar a importância da cultura Yanomami.

“[...] eu estava justamente procurando trabalhar em um ambiente de anti referência de partir de um ponto de vista indígena da narrativa oral, de que eles se apropriassem do filme e não o contrário”, comenta Luiz Bolognesi ao Amazônia Real. Em resumo, “A última floresta” é um documentário tecnicamente bem produzido, que combina imagens impressionantes, narrativa não-linear e efeitos visuais criativos, além de uma trilha sonora original. O resultado final é uma obra cinematográfica envolvente e informativa sobre questões importantes relacionadas à preservação da Amazônia e dos povos indígenas.

A Última Floresta foi exibido em março de 2021, no Festival Internacional de Cinema de Berlim. No Brasil, foi exibido dia 18/04/2021 na 26ª edição do É tudo Verdade, Festival Internacional de Documentários.

Mas não por acaso, no dia seguinte, se celebrava o Dia dos Povos Indígenas. O tradicional Dia do Índio, comemorado todo 19 de abril, passa a ser chamado oficialmente de Dia dos Povos Indígenas. Lei 14.402, de 2022 - Agência Senado. Segundo Amazônia Real, as filmagens foram feitas em junho de 2018, na aldeia Watoriki, na região do Rio Demini, localizado no município de Barcelos (norte do Amazonas), na Terra Indígena Yanomami. No qual a equipe da produção ficou na comunidade durante quatro semanas.

Para entender melhor as questões da temporalidade, traçamos uma linha do tempo a partir de 2019, um ano após a gravações do documentário, e de outros dois fatores: a quebra da lei que mantinha os garimpeiros longe das terras Yanomami, as eleições para a entrada de um novo governo à presidência do Brasil. Ao ver a cena (a partir de 10:40 - 11:20) no qual os homens da aldeia se juntam para expulsar 3 garimpeiros, já nos introduz a batalha dos Yanomami contra os garimpos em suas terras. Em 2019, início do governo Bolsonaro, o seu discurso antiambiental e o desmonte dos órgãos de fiscalização estimularam a invasão ilegal em áreas protegidas e ocasionaram sucessivos desmatamentos. O território Yanomami foi um dos mais afetados.

No pico da pandemia do Covid-19, em 2020, o então presidente Jair Bolsonaro sanciona com vetos a Lei 14.021, prevendo medidas de proteção às comunidades indígenas, 16 dispositivos que previam acesso a água potável, material de higiene pessoal, até leitos hospitalares e respiradores. A saúde indígena foi desestruturada pelo governo Bolsonaro, e a pandemia de Covid-19 agravou e escancarou essa situação.

No ranking de mortalidade, que incluiu dados dos últimos cinco anos, 2020 ocupa o primeiro lugar com o maior número de mortes, 332. Nesse período, foram 211 crianças e adolescentes mortos, e 121 óbitos

de adultos e idosos, segundo dados do Portal G1 RR. No documentário, o Xamã Davi Kopenawa culpa, em totalidade, os garimpeiros pelo desmatamento da floresta, envenenamento dos rios e principalmente por espalhar doenças entre os indígenas.

O ano de estreia do documentário nos cinemas brasileiros (setembro de 2021) marca um período de mobilização de povos indígenas que acontecia em Brasília, quando protestavam contra o Marco Temporal. (O Marco Temporal, discorre no STF desde 2006, dizendo que os povos indígenas só têm direito às terras em que estavam fisicamente alocados até o dia 5 de outubro de 1988). Fazendo uma breve análise desse período de produção até o lançamento aos cinemas brasileiros, A Última Floresta serviria não só de um meio "poético e gentil" de uma denúncia, mas também como forma de escancarar a maior crise humanitária que o povo Yanomami iria enfrentar.

Só no ano de 2022, a Funai recebeu em média cinco alertas por mês sobre a situação dos Yanomami, o que revela que a grave crise humanitária era uma tragédia anunciada. Entre abril e novembro de 2022 o órgão chegou a receber 36 alertas sobre as condições enfrentadas pela etnia. Os comunicados partiam dos próprios indígenas e relatavam a disseminação de doenças, desnutrição aguda e até estupro. "Em todo o território, o garimpo invade nossas terras, destrói nosso modo de vida, nossas roças e gera fome e violência. Nossas famílias estão adoecendo e morrendo de doenças facilmente tratáveis. Nossos jovens estão morrendo da violência das armas de fogo trazidas pelos garimpeiros. Queremos viver em paz", apela a Hutukara Associação Yanomami.

Nos dois primeiros meses de 2023 o Ministério da Saúde registrou a ocorrência de 42 mortes de indígenas Yanomami, podendo aumentar e chegar a 48, já que seis óbitos estão sob investigação e ainda não foram contabilizados nos dados. As causas principais das mortes foram desnutrição grave, diarreia e pneumonia, doenças associadas à fome. Os Yanomami se viram sem alternativas, sem caça e sem pesca com o avanço de mais de

20 mil garimpeiros no território, até em regiões antes intocadas, mais próximas da fronteira com a Venezuela.

Em fevereiro uma operação foi deflagrada para tentar retirar os milhares de invasores. A previsão é que dure de seis meses a um ano. O governo de Luiz Inácio Lula da Silva deu início às ações de emergência contra a grave crise humanitária, sanitária e de saúde envolvendo os Yanomami. O presidente esteve em janeiro de 2023 em Roraima para acompanhar a situação da crise humanitária.

Em nota, para melhorar a situação, o Ministério da Saúde enviaria, inicialmente, 14 médicos pelo programa Mais Médicos, para reforçar o atendimento aos indígenas nas comunidades. A previsão era que os profissionais comesçassem a atuar em março. Embora tracemos a temporalidade mais atual, no documentário, o xamã Davi Kopenawa já alertava e fazia uma comparação com a crise que o seu povo sofreu em 1986, quando 20% da população morreu em decorrência de doenças e conflitos causados por garimpeiros infiltrados em território Yanomami.

“Em 1986, vocês lembram? Teve uma grande invasão garimpeira. Agora eles estão voltando. [...] Por isso preciso contar lá fora para nos ajudarem. [...] Então, fiquem com essas palavras e cuidem da saúde das suas crianças.” - Davi Kopenawa (41:17 - 44:08)

Com um final totalmente sensível e importante, Davi Kopenawa discursa na universidade de Harvard. Dando mais voz e espaço para o personagem principal, e concretizando o desejo de mostrar o seu povo para o mundo.

“Quero mostrar para a sociedade não-indígena que nunca viu o povo Yanomami, de Roraima e do Amazonas, que nunca conheceu, nunca andou ou viu de perto, a realidade como vivemos. Os brancos não nos conhecem. Seus olhos nunca nos viram. Seus ouvidos não entendem nossas falas. Por isso, eu preciso ir lá onde vivem os brancos”, declarou Davi Yanomami em entrevista ao Amazônia Real.

CONSIDERAÇÕES

Ao final da escrita deste paper, podemos aprender com "A Última Floresta" a necessidade de escutar e valorizar as vozes dos povos originários. O filme traz depoimentos emocionantes dos membros da comunidade, que compartilham suas histórias, suas tradições e suas preocupações. Ao dar visibilidade para essas vozes, o documentário nos convida a refletir sobre a importância de reconhecer e respeitar a diversidade cultural.

Muito além de beleza e sensibilidade, o documentário era sim um pedido de socorro, e o que percebemos ao assistirmos e compararmos com o cenário atual desse povo, é que o governo ignorou e fomentou o garimpo ilegal em terra indígenas. Pelos menos 21 pedidos de socorro dos Yanomami foram ignorados e não houve demarcação de terra indígena no último governo.

Depois de um colapso escancarado nas grandes mídias e um novo governo, os Yanomami voltam a ‘respirar’ (ainda que em passos lentos). Acreditamos que uma das principais lições que podemos tirar deste documentário é a importância da preservação da cultura indígena e do meio ambiente. Afinal, “não tem floresta preservada sem povos indígenas dentro dela”.

REFERÊNCIAS

- BOLOGNESE, Luiz; KOPENAWA, Davi. **Documentário A Última Floresta**. Disponível na Netflix. 2021.
- <https://ea.fflch.usp.br/autor/davi-kopenawa>
- <https://amazoniareal.com.br/a-ultima-floresta-e-um-olhar-de-urgencia-pela-protex-ao-dos-yanomami-diz-diretor/>
- <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/07/11/dia-dos-povos-indigenas-em-19-de-abril-substitui-dia-do-indio-apos-derrubada-de-veto>
- <https://www.politize.com.br/marco-temporal/>
- <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/governo-bolsonaro-ignorou-ao-me-nos-21-pedidos-de-ajuda-a-povos-yanomami/>
- <https://exame.com/brasil/funai-recebeu-em-media-cinco-alertas-por-mes-em-2022-sobre-gravidade-da-situacao-dos-yanomamis/>



YANOMAMI: A TERRA GARANTIDA

Bryan da Silva Gomes - Jeffrey Matheus de Bentes Souza - Kalinka Macedo da Silva

R E S U M O

O Documentário Yanomami: A terra garantida (2020) é um arquivo gentilmente cedido por Sydney Possuelo, que em 25/09/2023 participou de conversa com a coordenadora do Museu do Índio, da FUNAI. Produzido por Noeli Granier e Ricardo Valente, o documentário traz uma série de relatos dos povos originários com o início do garimpo ilegal. A principal característica da produção vem em forma de imagens e a narrativa utilizada para contextualizar o telespectador sobre a situação. Neste estudo, é demonstrada a análise, os efeitos negativos que o garimpo ilegal deixou às terras indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Yanomami; Documentário; Análise; Reflexão; Paper.

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo é o documentário “Yanomami: A terra garantida”, do ano de 2020, que relata a situação da crise sanitária dos povos originais, os Yanomami. Para a execução do trabalho, foi necessária uma pesquisa sobre documentários que discutissem as questões sociais dos povos originais a fim de discutir a abordagem de como o assunto foi tratado e analisar as técnicas usadas na produção do documentário.

Produzir um documentário é usar a criatividade para relatar uma situação atual, conforme argumenta Lucena (2012, p.11). “Documentário é o tratamento criativo da realidade (ou atualidade, para alguns). Cabe ao documentário e ao documentarista desenvolver isso”.

DESENVOLVIMENTO

No contexto histórico em que o Amazonas se insere, garimpeiros atuam na região desde os anos de 1980. Segundo Hutukara, principal associação Yanomami, a área desmatada por garimpeiros dentro do território cresceu 46% em 2021 em comparação a outros anos.

SURGIMENTO DA PROBLEMÁTICA

O limite da terra Indígena Yanomami começou a ser invadida na década de 70 com a construção de um trecho da estrada Perimetral Norte (1973-1976) e com programas de colonização pública (1978-1979). Com relação ao garimpo, ao final da década de 80 e início de 90, o limite leste foi amplamente invadido por garimpeiros, tanto a pé, quanto de barco e avião.

Embora a intensidade dessa chamada “corrida do ouro” tenha diminuído muito a partir do começo dos anos 1990, até hoje, núcleos de garimpagem continuam encravados na terra Yanomami, de onde seguem espalhando violência e graves problemas sanitários e sociais, sendo que o acesso a muitos desses núcleos se dá por terra ou rio, partindo-se do limite leste da terra desses povos. Neste ano, a invasão garimpeira tomou novo ímpeto e estima-se que já cheguem a três mil o número de garimpeiros presentes no local.

YANOMAMI: A TERRA GARANTIDA

O documentário ressalta o tempo que os povos Yanomami estão presentes em áreas da Amazônia, cerca de três mil anos. Por volta de 1800, foi feito o primeiro contato com o povo, pelos portugueses, desde então, o povo vive isolado com seus costumes e tradições. Além de contextualizar o telespectador sobre a chegada dos garimpeiros, na década de 70. Com a poluição dos rios, surgiram doenças, como a malária, e a desnutrição. O quadro de saúde piorando, causando uma crise sanitária nesses povos originários.

O documentário relata também sobre as autoridades políticas que demarcaram a retirada dos garimpeiros das terras como pauta prioritária, como o ex-presidente da República, Fernando Collor. A Fundação Nacional do Índio teve, em sua primeira missão, retirar os invasores para interromper as operações do garimpo.

As imagens de apoio feitas para ilustrar a produção reforça como os povos originais mostram a sua conexão ‘pura’ com a natureza. Além de uma passar um aprendizado com suas vivências e histórias relatando as situações sofridas causadas por invasores.

A demarcação de terra aconteceu na área Yanomami, com a ajuda da Funai, para localizar os pontos de referência. As imagens aéreas feitas na época não mostram com uma resolução avançada.

É de fundamental importância ressaltar a preservação das filmagens dos personagens e autoridades da época para a construção da narrativa e para que o telespectador se localize no contexto histórico e entenda que a crise sanitária ocorre há anos.

O pequeno documentário retrata como a crise dos povos originários acarreta por anos, a luta para sobrevivência, e a guerra contra a exploração e o desmatamento e a destruição de parte da Amazônia, um dos pilares considerado o pulmão do planeta.

A pesquisadora da FioCruz e Especialista em Saúde Indígena, Katia Lima, afirma em seu artigo de opinião, que a proteção dos povos originários precisa ser garantida, além de fiscalizar as supostas pessoas que financiam o garimpo ilegal. “É imprescindível também investigar e punir aqueles setores econômicos que financiam as atividades ilícitas nos territórios indígenas”, diz ela.

A escolha pelo documentário analisado reforça que a crise dos povos originários não é uma ‘guerra’ de hoje, mas sim de anos, de tempos, de geração em geração, de antigas autoridades políticas. Observa-se que a situação não evoluiu, mas sim o aumento dos garimpeiros ilegais, causando destruição e milhares de mortes registradas por doenças causadas por uso de substâncias tóxicas jogadas nos rios.

TÉCNICAS USADAS NA PRODUÇÃO

As técnicas de imagens e áudios usada pela equipe trata-se de uma tecnologia mais antiga e com isso faz com que as imagens não sejam tão boas como as que se usam nos dias de hoje. Mas o que se pode dizer é que as técnicas são usadas até hoje e são bem identificadas nas captações. Ao tratar do áudio pode ser identificado que não está direcionado para a voz do apresentador, ou seja, o som ainda capta não somente a voz do narrador, mas também a do ambiente.

Os desenvolvedores do documentário não usaram somente as próprias imagens de apoio, mas contaram com uma equipe de rádio que fazia cobertura jornalística na época na região da floresta Amazônica.

De acordo com que foi dito, em um documentário, muitas das vezes só as próprias imagens de apoio não são suficientes, isso leva a muitos fatores, como por exemplo, o próprio entendimento do telespectador, às vezes, levar outra visão que não seja jornalística, faz com que a melhor compreensão seja levada a quem está consumindo o produto.

Os planos utilizados no documentário são retratados claramente para ser compreendido de formas diferentes, mas com a ideia de passar o conceito correto. Logo quando começa, já mostram imagens aéreas da floresta amazônica com a intenção de fazer o telespectador entender o que o tema vai abordar.

As imagens foram feitas de um avião que estava em uma velocidade alta, portanto, só podiam ser vistas de maneira bem rápida. As imagens aéreas passam uma mensagem bem objetiva em relação aos povos indígenas, porque todos compreendem que quando veem imagens aéreas de um ecossistema, o telespectador já supõe que vai passar uma mensagem que será de grande importância à sociedade.

Um plano que é bastante utilizado é o detalhe, assim ajudando também na compreensão da narração e com a sincronização das imagens e com a voz, o plano varia entre vários tópicos que surgem com o decorrer do documentário, seja para falar das atividades do povo indígena ou com assuntos relacionados à vida urbana.

O plano geral também é muito utilizado para mostrar a vida dos indígenas, mas essas imagens foram feitas de maneira espontânea, ou seja, é bem provável que os indígenas não sabiam que podiam estar sendo filmados, mas quando se trata de um documentário com a ideia de passar uma mensagem de conscientização, as imagens precisam ser feitas de maneira bem natural para que o telespectador compreenda o que está passando.

O plano médio foi usado para realizar entrevistas com os indígenas, como os povos

Yanomami ainda possuem costumes específicos em relação a roupas, esse plano foi necessário para seguir algumas normas do jornalismo. O grande plano geral foi usado para mostrar como são as vivências dos Yanomami, mostrando como são suas moradias e lugares de frequência dos povos, isso inclui a aldeia ou a própria floresta, é claro que não somente para isso, mas para mostrar aos arredores da floresta porque tudo que tem haver com o que estava sendo transmitido.

As imagens aparentam não ter uma qualidade tão boa, porém não deixa de transmitir o que quer. As técnicas foram bem utilizadas e o cinegrafista com certeza tinha experiência na área e com isso tudo se tornou mais fácil na hora das gravações porque de acordo com as técnicas presentes no jornalismo, tudo tem um ângulo na qual precisa ser estudado antes de ser posto em prática. Isso se dá pelo fato de uma reportagem sempre ter seus planos específicos e isso se trata também com os documentários, certos planos precisam ser destacados pelo fato de tudo ser ainda mais trabalhoso em um documentário.

Além da narração do apresentador, os desenvolvedores conseguiram aplicar algumas passagens de figuras públicas falando sobre o assunto. Políticos foram grandes exemplos no documentário. Usaram uma passagem do presidente da época, Fernando Collor, falando que os povos ali presentes devem ser deixados sem intervenção e nem exploração dos recursos, decretando que os indígenas devem ser livres.

A exploração de informações das fontes passou tudo que as pessoas que assistiram precisavam para poder compreender a situação do povo Yanomami, não somente os reconhecendo como um simples povo indígena, mas como um dos povos indígenas que ainda mantem os costumes que sempre tiveram com o decorrer dos anos, isso inclui até mesmo a língua nativa. Somente imagens não seriam o bastante para realizar esse trabalho, mas com a reunião de informações sobre o tema já carrega boa parte da obra.

As falas dos especialistas que aceitaram gravar sobre esse assunto, foram de fato muito importante devido aos meses ou até mesmo anos de estudos, essas informações precisaram ser publicadas e esses tipos de dados cabem perfeitamente no formato de documentário, porque para o entendimento público, uma boa explicação sobre um tema muito complexo é muito importante para tudo ser ligado de maneira correta.

Nos dias de hoje, existem alguns documentários que não possuem narração, eles mostram somente imagens e essas imagens falam por si só, isso varia muito devido ao tema, como por exemplo, situações que chamaram atenção do mundo todo, que a muito tempo a imprensa falou e isso ficou fixado na mente das pessoas, por isso existe esse tipo de documentário.

CONSIDERAÇÕES

Portanto, o tema sobre a situação do povo Yanomami foi necessário em todos os aspectos que ligam um produto no formato documentário. Isso se dá pelo fato das pessoas precisarem de uma explicação precisa e objetiva para obter o máximo de conhecimento. As técnicas utilizadas foram bem precisas e ajudou muito aqueles que assistiram e que ainda vão assistir, pelo fato de ser antigo, o produto entrega tudo que precisamos saber sobre os povos originários para que sejam vistos, reconhecidos e ajudados.

REFERÊNCIAS

- LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. 2º. ed. São Paulo: Soraia Bini Cury, 2012.
- Museu do Índio. **Documentário Yanomami: A Terra Garantida**. Disponível em: <https://youtu.be/3IFOPbQvXjY>



A ÚLTIMA FLORESTA E A LUTA YANOMAMI PELA PRESERVAÇÃO AMBIENTAL E CULTURAL

Ana Gabriela Oliveira - Beatriz Gadelha de Freitas - Emile de Souza Bezerra - Gabrielle Sampaio Azevedo - Maria Eduarda Nóvoa

R E S U M O

O documentário “A Última Floresta” retrata a vida dos Yanomami, um povo indígena que vive na região amazônica do Brasil e da Venezuela. O filme é uma denúncia das ameaças enfrentadas pelos Yanomami, incluindo a mineração ilegal, a invasão de terras, a deflorestação e a violência contra os povos indígenas. Este estudo examina os temas do documentário e sua relevância para a preservação ambiental e cultural dos Yanomami.

PALAVRAS-CHAVE: Yanomami; Documentário; Análise; Reflexão; Paper.

INTRODUÇÃO

“A Última Floresta” é um filme-documentário dirigido por Luiz Bolognesi, que conta a história do povo Yanomami, um povo indígena que vive no coração da Amazônia, na região do Alto Xingu. O filme explora a relação entre o povo Yanomami e a natureza, destacando a importância de preservar o meio ambiente e proteger a biodiversidade.

O RETRATO DA VIDA DOS YANOMAMI NA AMAZÔNIA

O filme “A Última Floresta” é um documentário dirigido por Luiz Bolognesi que retrata a vida dos Yanomami, um dos povos indígenas mais isolados do Brasil. O filme foi lançado em 2021 e foi selecionado para a mostra Panorama do Festival de Berlim.

A ROTINA YANOMAMI NA AMAZÔNIA E A RELAÇÃO COM A PRESENÇA DE ESTRANHOS EM SUA TERRA

O documentário se concentra em mostrar a rotina do povo Yanomami na floresta Amazônica, que é seu lar há mais de mil anos. Através de imagens incríveis, vemos como essa tribo vive em harmonia com a natureza e como eles são afetados pela presença de estranhos em sua terra.

“As mercadorias deles podem enfeitiçar a gente. Eles parecem bons, querem ajudar. Mas quando você fica sozinho, ninguém se importa com você, e você passa fome. Tem fome e não tem o que caçar. Não te dão um lugar para dormir. Somente na nossa floresta você pode dormir em paz”, ensina a um jovem Yanomami que sinaliza estar se aproximando dos garimpeiros invasores.

Para não ficar apenas no pito, Davi Kopenawa resgata a origem de seu povo,

que começa quando o criador Omama pesca com um cipó Thuëyoma, um peixe em forma de mulher, e se casa com ela”

OS YANOMAMI AO CONTATO COM O MUNDO EXTERIOR

Uma das cenas mais impactantes do filme é quando os Yanomami veem pela primeira vez um avião comercial. Eles ficam perplexos e assustados com o som e a presença da aeronave, e isso mostra claramente como a presença do homem moderno pode ser perturbadora para essa tribo.

MINERAÇÃO ILEGAL NA AMAZÔNIA E A IMPORTÂNCIA DA PROTEÇÃO AMBIENTAL PARA OS YANOMAMI

Outro ponto importante do documentário é a questão da mineração ilegal na região amazônica. Os Yanomami são prejudicados pela atividade, pois a extração de ouro, por exemplo, contamina os rios e a terra que são importantes para a sobrevivência deles. A presença de garimpeiros e outros invasores também pode trazer doenças para a tribo, que não tem imunidade contra muitas delas. Ao longo do documentário, vemos a importância da floresta para os Yanomami, que acreditam que todos os seres vivos estão interligados e que a natureza precisa ser protegida. Eles são um exemplo para todos nós sobre como viver em harmonia com o meio ambiente.

A IMPORTÂNCIA DE DAR VOZ AOS POVOS INDÍGENAS NA LUTA PELA PROTEÇÃO DE SUAS TERRAS E CULTURA

Além disso, o documentário também aborda a questão da colonização e da violência contra os povos indígenas. Os Yanomami são vítimas de invasões em sua terra e da violência dos garimpeiros, o que causa preocupação e medo entre eles.

Outro elemento de grande qualidade no filme é sua fotografia, de maneira que é impossível não se sentir no meio do ambiente retratado, com suas densas matas, seus rios, e seus animais. Além de imersiva, também é bela: desde seus retratos no interior da selva e da tribo, até as tomadas aéreas, trazem uma beleza única.

A SABEDORIA ANCESTRAL DOS YANOMAMI, A IMPORTÂNCIA DA TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO ENTRE GERAÇÕES

A última floresta também mostra a vida cotidiana da tribo, como eles constroem suas casas, se alimentam e criam seus filhos. Vemos como o respeito aos mais velhos é importante para os Yanomami, que valorizam a sabedoria e a experiência dos mais velhos.

A CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE A PRESERVAÇÃO DA AMAZÔNIA E A VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS INDÍGENAS

No final, o documentário é uma reflexão sobre como estamos lidando com a natureza e com as culturas indígenas. Mostra-nos como a preservação da floresta Amazônica e a proteção dos povos indígenas são questões importantes e que devem ser discutidas e abordadas.

“Mas é importante trazeremos a potência Yanomami e desse filme para se somarem a uma luta que, infelizmente, não mobiliza a sociedade brasileira como deveria. Nós ainda carregamos essa negação da nossa raiz cultural indígena, da importância desses povos para o país que somos. E é justamente essa indiferença que permite o avanço do genocídio e do ecocídio que nós estamos presenciando no país atualmente. Então, estar estreando nos cinemas agora também pode ser considerado um ato de resistência”

CONSIDERAÇÕES

“A Última Floresta” é um filme que nos convida a refletir sobre nossa relação com a natureza e com as culturas indígenas. O documentário nos mostra que é possível uma convivência harmoniosa entre o homem e a natureza, desde que haja respeito mútuo e um compromisso com a preservação ambiental e cultural. É uma obra que alerta sobre os perigos da destruição da floresta e da perda da diversidade cultural, e nos inspira a lutar por um mundo mais justo e sustentável.

REFERÊNCIAS

- BOLOGNESE, Luiz; KOPENAWA, Davi. **Documentário A Última Floresta**. Disponível na Netflix. 2021.
- <https://www.atoupeira.com.br/critica-a-ultima-floresta/>
- <https://www.ecycle.com.br/filme-a-ultima-floresta-aborda-realidade-de-comunidade-indigena-yanomami/>



A ÚLTIMA FLORESTA: COTIDIANO DA TRIBO INDÍGENA YANOMAMI E A LUTA DE SEUS INTEGRANTES PARA PRESERVAR SEU TERRITÓRIO

Carlos Eduardo Cruz - Deyze Mendes - Lira Letícia Reis - Victor Litaiff - Yanna Diniz - Yago Mikael

INTRODUÇÃO

A cultura indígena possui uma importância fundamental na formação da identidade da população brasileira. Os povos indígenas possuem conhecimentos relacionados aos bens naturais e aos processos ecológicos que proporcionam condições para realizar atividades que tragam a conservação da natureza ambiental.

É importante afirmar que não existe uma única cultura indígena, mas sim várias, e cada um dos povos desenvolveram suas próprias tradições religiosas, festivas, musicais, de artesanatos, e entre outros costumes. Culturalmente, a natureza representa para os indígenas um suporte para a vida social e está diretamente ligada aos sistemas de crenças e conhecimentos deles, além de possuir uma relação histórica.

No entanto, apesar dos saberes e benefícios que trazem para a população como um todo, a violência contra os povos indígenas permanece sendo um alerta para prevenção desses problemas. Além dos desafios territoriais, a população indígena ainda enfrenta barreiras como o racismo, o preconceito, a violação aos direitos das mulheres indígenas, a falta de acesso à saúde e serviços públicos, e a escassez de nutrientes. Com base nesses conceitos, essa análise socioambiental do documentário "A última floresta" trás reflexões sobre a

preservação cultural e ambiental da Amazônia, além de nos mostrar um problema que pode vir a causar impactos irreversíveis.

A ÚLTIMA FLORESTA: UMA ANÁLISE SOCIOAMBIENTAL

O documentário "A última floresta" exibido pela Netflix, sob a direção de Luiz Bolognesi, um roteirista, produtor e diretor de cinema brasileiro, formado em jornalismo pela PUC São Paulo, retrata o cotidiano da tribo indígena Yanomami, e a luta de seus integrantes para preservar seu território.

O elenco é composto por Davi Kopenawa Yanomami, um escritor, ator, xamã, importante líder político e porta-voz do povo Yanomami, atualmente é presidente da Hutukara Associação Yanomami, uma entidade indígena de ajuda mútua e etnodesenvolvimento, além de Ehuana Yaira e Pedrinho Yanomami.

"Os yanomami vivem em um território no norte do Brasil e ao sul da Venezuela, há exatos mais de mil anos, destaca-se que em torno de quinhentos anos antes desses países existirem, eles já habitavam essa região" (frase do documentário A Última Floresta). No decorrer da ficção, os povos demonstram sua convivência, formas de sobrevivência destacando as técnicas de caça a animais, formas de ensinamentos aos menores e sem sombra de dúvidas sua representatividade. Além de destacar a forma que se compõe e se preparam para lutar pela sua terra, se

camuflando utilizando tinta na cor preta, para se encaminharem à área do garimpo.

Ao chegar na localidade afetada, os mesmos descrevem como são os garimpeiros em seguida os atacam. Finalizando esta cena, citando a consequência das áreas afetadas de forma totalmente negativa, como o igarapé que virou uma forma de lama barrenta e secou. Inicia-se a história contada por Davi desde a pré-existência dos povos indígenas yanomami, onde cita a existência de dois irmãos Omama e Yoasi, que viviam isolados sem contato algum com mulheres, entretanto um dia Omama foi até a lagoa para realizar a caçar, e acabou pescando Theyoma que descreve como é a vida na água, ressaltando a solidão e sem namorado ou marido.

Após diversos desentendimento entre os irmãos, Yoasi veio a ser expulso e acabou se entregando a morte, a partir desse fato, Omama enterrou seu irmão que estava portando todas as doenças e espíritos maléficos debaixo da terra, sendo assim os mesmos e nem qualquer pessoa, não podem e não devem modificar as terras, pois como consequência irá desenterrar esses males. Buscando a sobrevivência e orientação para cuidarem da floresta, os povos devem seguir Omama.

Em outra ocasião, ao perceberem a entrada de garimpeiros na região, os indígenas se comunicam via rádio por meio de satélite, informando uns aos outros que os rios Parawau, Palimu e Mucajaí, foram tomados por garimpeiros, e estavam causando intoxicação por água contaminada por mercúrio, citam procurar ajuda fora visando o Governo Federal e se aconselham a obter diversos cuidados.

Citam também, que desde a década de 1990, inicialmente no ano de 1986 quando houve a primeira invasão de 45 mil garimpeiros, quando diversos indígenas tiveram suas vidas ceifadas, entre eles mulheres, homens, crianças e idosos.

As mulheres presentes em partes do documentário, apresentam seus trabalhos na produção de cestos que visam oferecê-los

em troca de alimentos, de onde surge a ideia da criação da associação das mulheres, para demonstrar sua força e união naquele povoado. Finalizando com a preparação do ritual entre os homens da aldeia, eles cheiram uma espécie de pó para preparo deste evento que ocorre entre eles.

Davi Yanomami, presente na cop 27, defende sua terra indígena e cita a diferença da cidade grande com os brancos presentes, e a importância dos alimentos como forma de sobrevivência em sua região.

Seguindo diversos fatos ocorridos, cita-se que em 1982 o Governo Federal reconheceu legalmente as terras dos povos indígenas yanomami. No mesmo ano desta luta, ocorreu o massacre de Haximu, quando houve a invasão de garimpeiros que ceifaram a vida de 16 indígenas de forma cruel, com tiros de arma de fogo e golpes de arma branca.

Com a pressão da imprensa e apoio internacional os yanomami conseguiram com que o Governo Federal cumprisse com a Lei, que mantivesse garimpeiros fora das terras por 25 anos, porém em 2019 com a entrada do novo Presidente do Brasil, mais de 20 mil garimpeiros voltaram a invadir a região, derrubando florestas, envenenando os rios e levando o vírus da Covid-19 para os povos nas aldeias. Em vista dos fatos, o governo que no momento deveria proteger, seguia na tentativa de legalizar a invasão. Após esses acontecimentos, o porta-voz Davi, passou a sofrer graves ameaças.

A crise humanitária que atingiu a Terra Yanomami, em Roraima e no Amazonas, mobilizou o Brasil e o mundo nas últimas semanas. A defasagem no cumprimento de direitos básicos de proteção à vida dos povos originários provocou uma devastação nas comunidades indígenas e escancarou a importância da atuação de instituições responsáveis pela defesa desses povos.

Sob diferentes ameaças e barreiras à sua sobrevivência, os povos originários paranaenses também buscam constantemente visibilidade e meios para a preservação de sua cultura. A desnutrição e a falta de medicamentos registrados na Terra Yanomami são fatores determinantes para a situação precária encontrada pelas autoridades competentes, tanto federais quanto estaduais.

A vulnerabilidade dos povos indígenas também se reflete no acesso à Justiça. O direito brasileiro garante tratamento específico e diferenciado a indígenas no acesso a serviços e às instituições do sistema de justiça, principalmente na esfera penal, mas ainda há falhas no cumprimento das diretrizes.

CONSIDERAÇÕES

Em virtude dos fatos mencionados, a história da luta que os índios têm com sua terra e uma perseverança dos povos nativos que visam permanecer em conjunto. Ser indígena, é pertencer a sua identidade nacional, que seja livre, presente, viva e atuante nos cenários locais, distante de pessoas que querem se aproveitar das terras contribuindo com acontecimentos que afetam os povos.

Com esses acontecimentos, a dimensão dessas ocorrências, fazem com que doenças afetem a população indígena que não está plenamente adaptada para crises humanitárias, por falta de assistência em diversos aspectos. Porém precisamos citar a ausência de políticas públicas para os Yanomani por meio de órgãos governamentais e dos projetos sociais que possibilitam a preservação dos mesmos.

Dessa forma, ressaltamos que os povos indígenas sofrem com o homem branco, ocasião em que estavam sendo calados pelo próprio Governo Federal, sobre a situação que estavam vivenciando.

É importante termos conhecimentos e a representar também a luta dos Yanomani para terem voz, reconhecimento e respostas positivas para manter seus valores, sua herança cultural indígena, e que possam ter paz, preservação e respeito ao viverem na sua região, sem o impacto negativo.

Portanto, de acordo com os fatos apresentados no documentário A Última Floresta, devemos compreender a importância dos povos indígenas em nosso país, que tiveram seu território explorado ilegalmente. O documentário trás essa visão de risco para a população indígena que tiveram suas vidas ameaçadas por garimpeiros em seu território.

REFERÊNCIAS

- BOLOGNESE, Luiz; KOPENAWA, Davi. **Documentário A Última Floresta**. Disponível na Netflix. 2021.
- <https://www.scielo.br/j/rbh/a/b7Z47VbMMmvPQw/WhbHfdkpr/>
- <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cfc/livrocolegao.pdf>
- <https://www.netflix.com/br/title/81503933>
- <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=3universobelohorizonte3&page=article&p=view&path%5B%5D=7157#:~:text=RESULTADO%3A%20Mesmo%20fazendo%20parte%20da,expuls%C3%A3o%20de%20espa%C3%A7os%20j%C3%A1%20ocupados>



Última Floresta

FILME DE ENCERRAMENTO
É o medo Verdade
s A
e
Luiz Bolognesi e Davi Kopenawa Yanomami.
Direção por: Pedro Silva.
Apresentado por: Giovanna Saraiva.

ANÁLISE FÍLMICA DO DOCUMENTÁRIO: "A ÚLTIMA FLORESTA"

Giovanna Saraiva - Pedro Silva

RESUMO

O documentário tem como objetivo mostrar a luta dos Yanomami para proteger suas terras e sua cultura, em meio a um cenário de conflito e violência. O filme também traz reflexões sobre a importância da preservação ambiental e da valorização dos povos indígenas, que são guardiões de um conhecimento ancestral e de uma forma de vida em equilíbrio com a natureza.

PALAVRAS-CHAVE: A Última Floresta, Yanomami, Floresta Amazônica, garimpeiros.

INTRODUÇÃO

O documentário "A Última Floresta", escrito por Luiz Bolognesi e Davi Kopenawa Yanomami, retrata a vida dos povos indígenas da região do Alto Rio Negro, na Amazônia, e sua relação com a natureza e o meio ambiente. O filme apresenta um retrato complexo e multifacetado dessas comunidades, destacando suas tradições, suas lutas por direitos e sua importância para a preservação da biodiversidade na região. O filme, que foi vencedor das categorias de melhor equipe de som (técnico som: Rodrigo Macedo; editor e editora de som: Caio Guerin e Rosana Stefanoni; mixadores de som: Armando Torres Jr., ABC e Caio Guerin), melhor montagem para documentário (Ricardo Farias) e melhor direção de fotografia para documentário (Pedro J. Márquez) do Prêmio ABC 2021,

se tornou um importante instrumento para visibilizar a luta e as formas de resistência da cultura Yanomami. Neste estudo, exploram-se alguns dos temas abordados pelo documentário e pelas referências utilizadas, buscando entender melhor a relação dos povos indígenas com o meio ambiente e a importância de sua preservação para o futuro da região amazônica.

Um dos aspectos mais destacados pelo documentário é a relação dos povos indígenas com a natureza e o meio ambiente. Para essas comunidades, a floresta é vista como uma entidade viva, um ser com o qual é preciso manter uma relação de respeito e harmonia. Essa visão de mundo, baseada no respeito aos ciclos naturais e à biodiversidade, é essencial para a preservação da floresta e de seus recursos.

DESENVOLVIMENTO

O encontro de um jovem Yanomami com um amigo na floresta desperta nele atração pelo minério e pelo ouro, um desejo que o deixa pensativo e quieto ao voltar para a aldeia. Preocupado com o futuro do rapaz e sabendo bem das consequências do garimpo para seu povo, Davi Kopenawa Yanomami, líder e defensor da causa indígena, decide conversar com ele.

Numa noite silenciosa dentro da maloca, Davi, calejado por anos de luta e ameaças, explica com tranquilidade a importância da preservação do território Yanomami e a relação dos povos indígenas com a natureza. Para eles, a floresta é vista como um ser vivo, uma entidade que precisa ser respeitada e protegida para garantir a sobrevivência da comunidade e a preservação da biodiversidade.

Davi compartilha sua história de luta e explica que muitos jovens Yanomami foram perdidos para o garimpo, que traz consigo a destruição da floresta e a contaminação dos rios e do ar com mercúrio e outros metais pesados. Ele destaca que a busca pelo ouro e pelo minério é uma sedução passageira, que não traz felicidade duradoura e que não compensa os danos causados à natureza e à saúde das pessoas. Ao final da conversa, o jovem Yanomami compreende a importância da preservação da floresta e se afasta da ideia do garimpo. Davi Kopenawa Yanomami, com sua sabedoria e experiência, mais uma vez se mostra um líder capaz de guiar seu povo na luta por seus direitos e pela preservação da Amazônia.

Mais de mil indígenas em estado grave de saúde foram resgatados da Terra Indígena Yanomami nas últimas semanas por equipes do Ministério da Saúde que atuam de forma emergencial em comunidades da reserva. O garimpo já afeta 273 de 350 comunidades, sendo que, desde 2020, diversos polos-base de saúde foram invadidos e fechados pelos garimpeiros, obstruindo a prestação de assistência médica a, pelo menos, 3.485 indígenas.

No entanto, a preservação da floresta não é apenas uma questão cultural ou espiritual para os povos indígenas, mas também uma questão de sobrevivência. Como destaca o líder indígena Almir Suruí, em entrevista ao documentário, a floresta é a fonte de alimento, medicamentos e materiais para construção para essas comunidades. Por isso, a luta pela preservação da floresta é também uma luta pela preservação da vida e da cultura desses povos.

Contudo a preservação da floresta enfrenta muitos desafios na região amazônica. A exploração predatória de recursos naturais, a expansão da agricultura e da pecuária, e a construção de grandes hidrelétricas e rodovias têm causado grandes impactos ambientais na região, afetando tanto os povos indígenas como as comunidades não-indígenas.

CONSIDERAÇÕES

As políticas públicas voltadas para a região amazônica nem sempre levam em conta as demandas e necessidades das comunidades locais. Como destaca o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, em artigo citado pelo documentário, a ideia de que a Amazônia é uma "terra sem dono", uma região vazia e inóspita, tem sido utilizada para justificar a exploração predatória dos recursos naturais e a desconsideração dos direitos dos povos indígenas.

Diante desses desafios, é preciso repensar as políticas públicas e as estratégias de preservação da floresta, buscando valorizar e respeitar o conhecimento e as demandas das comunidades locais. Como destaca o líder indígena Ailton Krenak, é preciso reconhecer que a preservação da floresta não é uma questão de "conservação", mas sim de "convivência". É preciso aprender a conviver de forma harmônica com a natureza e a valorizar as diferentes formas de conhecimento e sabedoria presente.

A crise de saúde nas reservas indígenas foi colocada em evidência pela ameaça de

extermínio dos Yanomamis, um dos povos indígenas mais conhecidos do Brasil. Segundo dados publicados pelo Ministério Público Federal, mais da metade das crianças Yanomami estão desnutridas, revelando a falta de acesso a alimentos básicos e de qualidade.

Além disso, a malária tem sido uma das principais doenças a afetar a população Yanomami, com mais de 44 mil registros da doença em menos de dois anos, em uma população de apenas 28 mil pessoas. Essa situação demonstra a falta de condições sanitárias básicas, como água potável e saneamento, nas reservas indígenas. A situação da saúde dos povos indígenas em geral é preocupante, com taxas de mortalidade infantil e de adultos jovens maiores que a população em geral. A falta de atendimento médico adequado e de investimento em saúde pública nas reservas indígenas agrava a situação, o que aumenta o risco de doenças infecciosas, como a tuberculose e a dengue.

É preciso que o governo brasileiro assuma sua responsabilidade em relação à saúde dos povos indígenas e invista em políticas públicas que garantam o acesso à saúde básica, à educação e a outras condições dignas de vida. É necessário que os direitos desses povos sejam respeitados e que medidas sejam tomadas para garantir a sua sobrevivência e a preservação da rica diversidade cultural e ambiental do país.

Os equipamentos de alta qualidade utilizados na filmagem de "A Última Floresta" incluem câmeras digitais profissionais, como a Sony A7SII, que "As mercadorias deles podem enfeitiçar a gente. Eles parecem bons. Querem ajudar. Mas quando você fica sozinho, ninguém se importa com você, e você passa fome. Tem fome e não tem o que caçar. Não te dão um lugar para dormir. Somente na nossa floresta você pode dormir em paz". Esta declaração de alerta é um dos momentos mais fortes do filme permite gravar em resolução 4K, e a Canon 5D Mark IV, que possui um sensor de imagem de alta sensibilidade e qualidade de

imagem. Além disso, foram utilizados drones equipados com câmeras de alta resolução para capturar imagens aéreas da floresta e da comunidade Yanomami.

Para garantir a qualidade do som, foram utilizados microfones de lapela e boom, além de gravadores de áudio portáteis. Para iluminação, foram utilizados equipamentos de luz LED de alta potência, que permitem ajustar a intensidade da luz e criar efeitos de iluminação natural. Em resumo, a equipe de filmagem utilizou equipamentos de última geração para capturar imagens de alta qualidade da floresta e da comunidade Yanomami, incluindo câmeras digitais profissionais, drones, microfones de lapela e boom, gravadores de áudio portáteis e equipamentos de luz LED.

REFERÊNCIAS

BOLOGNESE, Luiz; KOPENAWA, Davi. Documentário **A Última Floresta**. Disponível na Netflix. 2021.



ANÁLISE DOCUMENTAL: O CASO YANOMAMI — DOCUMENTA UFPE

Aldreson de Almeida - Beatriz Bazilio - Juliana Neves - Marcos Dantas

RESUMO

O documentário "O caso Yanomami" é uma obra realizada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e tem como objetivo expor a realidade vivida por um dos povos mais tradicionais do Brasil, os Yanomamis. Que são, vítimas da invasão de garimpeiros que levaram violência, doenças e fome para as aldeias. Dessa forma, o material audiovisual, vai colocar em debate a crise humanitária vivenciada na terra Yanomami.

PALAVRAS-CHAVE: Emergência; saúde; Yanomami.

INTRODUÇÃO

A desnutrição é o principal problema vivenciado pelo povo originários, Yanomamis, que vivem no norte do Brasil. Com dados alarmantes sobre a mortalidade infantil e a incidência de malária, o documentário é um verdadeiro diálogo que apresenta a historicidade dos fatos e suas consequências, sem interferências de quem produz.

PROBLEMÁTICA

A ausência de filmagens próprias, acaba limitando o problema do que é transmitido na produção audiovisual. Ainda assim, a colaboração da professora Fernanda Tavares, do departamento de nutrição da UFPE, permite que o espectador absorva as informações das consequências deixadas pela exploração das terras dos Yanomami.

Apesar da grande quantidade de informações atuais, a crise humanitária no território Yanomami, teve seu início marcado entre a década de 1970. Os Yanomamis é um dos povos indígenas mais isoladas do Brasi, com cultura e linguagem única, e estão localizados na fronteira com a Venezuela. A luta pela sobrevivência e defesa de seu território, é marcada por décadas de luta e resistência. De 1987 a 1992 o território atraiu milhares de garimpeiros em busca de minério e pedras preciosas.

Em pouco tempo, os yanomamis registraram cerca de 1800 mortes em função de doenças e de atos de violência causados por 45 mil garimpeiros que invadiram suas terras. Em 1992, a terra indígena foi homologada pelo presidente Fernando Collor, o que na teoria deveria garantir proteção aos indígenas.

Dessa vez, em janeiro deste ano, o Ministério da Saúde decretou emergência de saúde pública de

importância nacional, após averiguar um cenário com diversos idosos e crianças apresentando graves problemas de desnutrição, infecções respiratórias, pneumonia, diarreia aguda e malária. Em 2022, foram registrados mais de 11 mil casos de malária no território.

O documentário “O Caso Yanomami” da UFPE, expõe entrevistas com pesquisadores da área para refletir sobre os diferentes aspectos relacionados a crise, além de retratar as causas e soluções para esse problema. Uma das questões abordadas, é de como o garimpo ilegal na região, foi responsável pela precariedade das saúdes dos indígenas. Os garimpeiros, há mais de 30 anos ameaça a destruição das terras para o lucro com a mineração, atraídos pelo ouro em abundância.

O garimpo, sem autorização usa o mercúrio, um metal altamente tóxico utilizado para separar grãos de ouro de outros sedimentos. Outra problemática é o aumento da violência e a exploração sexual contra meninas e mulheres Yanomamis em troca de alimento. Existem em torno de 21 ofícios pedindo ajuda ao antigo Governo Federal, que foram ignorados. A crise humanitária não afeta somente a saúde de uma população original, mas em todos os aspectos da sua organização social.

CONTEXTO

O Documentário acentua itens acerca da realidade vivida pelos indígenas que, virou notícia em jornais devido a gravidade que eles vivem. O povo Yanomami se tornou vítima da maior crise humanitária do país, do século. Dados oficiais do ministério da cidadania, mostram que, entre 2019 e 2022, 570 crianças Yanomami morreram por desnutrição, e mais de 70% dos cerca de 30 mil indígenas, contraíram malária no ano passado.

A produção, encaixa personagens que ajudam a manter a informação ativa, são eles professores da Universidade que,

apresentam a história dos fatos e suas consequências. Um ponto importante que vale a pena frisar, foi o impacto causado pelo período da ditadura militar com a abertura de rodovias, que despertou e deu abertura para que o garimpo ilegal, na região.

RELAÇÃO COM OS AUTORES

Para Fernão Dias, o discurso documentário seria uma narrativa com imagens, composta por asserções que mantêm uma relação, similar a esta, com a realidade que designam. Isso acontece porque o documentário, por sua natureza, informa, milita e transforma o real.

O documentário escolhido pela equipe aborda essa temática uma vez que apresenta temas com dados, voz e explicação de especialistas que orientam a reproduzir pensamentos independentes, de cunho transformador, atingindo diretamente o espectador.

Se de Fernão o conceito é de “O que é documentário?”, para Luiz Carlos Lucena esse conjunto de ideias se materializam quando partem para o campo de práticas. São, digamos assim, os meios pelos quais se utilizam as armas sobre a produção de um documentário. Essa reflexão da perspectiva ultrapassa o individual, chegando ao coletivo, levando em consideração magnitude dessa informação, o alcance que ela teve e transformação que ela ocasionou, os pensamentos que dividiu, por isso, o Documentário sobre os Povos Originários reflete a produção audiovisual que registra os fatos – a exploração, morte, miséria –, as personagens – povos indígenas. Tudo como sujeitos da ação.

MÉTODOS E TÉCNICA

O documentário tem o objetivo de introduzir o público na história. De forma que sintam as dificuldades vividas ali. De modo geral, traz uma sensibilidade na lente que passa a quem assiste. Conta a história de forma sensível, sem modificar a história. Dando a

visibilidade ao tema, mostrando as dificuldades de quem vive ali. A influência sensível é inegável. Parece um tanto óbvio, mas é válido ressaltar que as terras sempre foram dos povos que ali residem, a influência da zona urbana que toma posse dos territórios de forma violenta.

A presença da equipe que produz é silenciosa, sem perguntas expostas ou quaisquer manifestações que mostram algo tramado entre as personagens, valorizando quem ouve, pois consegue dar espaço para formulações de pensamentos e toma a atenção de quem assiste. Mesmo com todas essas definições, é explícito que o documentário não foi ao local para a realização, mas utilizou da participação dos especialistas e imagens de emissoras que transmitiram massivamente o genocídio. De fato, um trabalho com filmagens e imagens próprias dariam ao documentário mais vida e uma relação mais original.

A produção conseguiu transmitir a informação, mesmo que ainda distante. Ou seja, os elementos audiovisuais, como as entrevistas e imagens de acervos, em conjunto construiu uma linha informativa. No entanto, os relatos são de pessoas que não vivem a realidade retrada. Isso de certa forma, distância quem vive o problema com quem assiste. Utilizando o primeiro plano para as entrevistas, com personagens que ajudam a criar uma linha informativa e abordam os fatos e consequências que rodeiam a invasão de terra e a crise humanitária.

O documentário finaliza com a fala da professora Fernanda Tavares, que é do departamento de nutrição da universidade. A colaboração dela permite o espectador absorva as informações das consequências deixadas pela exploração das terras, pois tira o mito de que o fato de os povos originários viverem em terras de produção não passam fome ou desenvolvam a insegurança alimentar.

CONSIDERAÇÕES

Em suma, o documentário apresenta uma dura realidade que é comum a diversos povos indígenas, sendo este caso a maior crise humanitária do país neste século. A invasão de terras por parte dos garimpeiros, que são ajudados pela displicência do poder público, causa fome, violência e conseqüentemente a morte de adultos e crianças, abordando os fatos e suas conseqüências.

Embora não tenha sido realizado com filmagens e imagens próprias, o diálogo entre os especialistas e a ausência de intervenções do entrevistador tornam o documentário uma fonte valiosa de informações, bem como a contribuição do departamento de nutrição da UFPE, que se faz essencial para desmistificar a ideia de que os povos originários que vivem em terras de produção não passam fome ou desenvolvem a insegurança alimentar. “O caso Yanomami” serve como um importante alerta para a necessidade de proteção das terras indígenas e preservação da vida desses povos.

REFERÊNCIAS

Universidade Federal de Pernambuco. **O Caso Yanomami**. Youtube,2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qmKsGmDBKR8&t=103s>

OLIVEIRA, Daiane. **Genocídio Yanomami: há décadas estes povos indígenas sofrem com violências e descaso por parte das autoridades**. Afirmativa,2023. Disponível em: <https://revistaafirmativa.com.br/genocidio-yanomami-ha-decadas-estes-povos-indigenas-sofrem-com-violencias-e-descaso-por-parte-das-autoridades/>

DOS SANTOS, Gabriel. **YANOMAMI O QUE ACONTECEU? Entenda resumo da tragédia que acomete indígenas Yanomami no Brasil**. Rádio Jornal Pernambuco,2023. Disponível em: <https://radiojornal.ne10.uol.com.br/noticia/2023/02/15/171142-yanomami-o-que-aconteceu-entenda-resumo-da-tragedia-que-acomete-indigenas-yanomami-no-brasil.html>

RAMOS, Fernão. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** SP. Senac, 2008.



SEGREDOS DA TRIBO

Adríssia Pinheiro - Ana Santos

RESUMO

Segredos da Tribo (2010) é um documentário dirigido e elaborado pelo cineasta José Padilha e traz uma série de relatos dos povos Yanomamis e antropólogos que conviveram com eles em 1960, na Amazônia Venezuelana. A principal característica do documentário é a asserção de intenções para se criar a própria interpretação, e por meio deste estudo, é demonstrada a análise do efeito negativo que invasores de cultura puderam provocar através de atitudes que se revelaram em Segredos da Tribo.

PALAVRAS-CHAVE: Segredos da Tribo. Documentário. Análise.

INTRODUÇÃO

O atual panorama social aponta grande descaso com um dos maiores povos isolados da América do Sul, os Yanomamis. Essa população indígena tem registros muito antigos do seu contato com o “homem branco”, que possibilitou mudanças e impactos drásticos ao seu modo de vida e sobrevivência.

Tendo isso em vista, faz-se necessária a abertura para reflexão sobre os problemas sociais e evolutivos que a humanidade está passando, e o ponto crucial nisso é a ferramenta cruel de devaneio de uns com os outros, como a crise humanitária que os Yanomamis enfrentam, indo desde a ação de garimpeiros, disseminação de doenças, falta de políticas públicas e entre outros.

Uma das primeiras linhas de raciocínio para construção desse trabalho ser um amparo colaborativo de informações sobre tal questão, foi a escolha de um entre vários produtos que trazem à tona a situação dos Yanomamis. E para isso, o documentário é uma fonte ideal, já que permite o ensino da realidade ser inserido na atual sociedade da informação através da linguagem audiovisual, consequentemente sendo uma forma interativa de consumo e popularização de asserções/críticas, pois cria-se uma narrativa própria sobre os acontecimentos do mundo, Ramos (2002, pág. 22) em sua definição de documentário aborda essa proposição da seguinte maneira:

Dentro deste eixo comum, podemos afirmar que o documentário é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhada muitas vezes de imagens de animação, carregadas

de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoas. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como narrativa sobre asserção sobre o mundo.

Com isso, essa perspectiva reúne a análise do longa-metragem "Segredos da Tribo", um documentário de 2010. A escolha desse documentário, em específico, é uma forma de apresentar uma parcela sobre a vida dos Yanomamis, em outra parte da Amazônia, quando antropólogos tentaram se valer pela "superioridade acadêmica" ao prejudicarem profundamente os Yanomamis.

No documentário, o autor apresenta as controvérsias entre os antropólogos, além de deixar subjetiva as "opiniões" para quem assiste, ou seja, cada um assiste e tira suas próprias conclusões.

Portanto, esta análise aponta o elevado grau negativo que a presença de pesquisadores trouxe aos Yanomamis naquela época, assim como hoje, onde o cenário continua crítico e corriqueiro.

SEGREDOS DA TRIBO

Produzido em 2010, lançado em 2013 e dirigido por José Padilha, "Segredos da Tribo" é um documentário sobre os conturbados estudos antropológicos feitos nos índios Yanomamis desde os anos 60, que o foi o período de primeiro contato com as tribos da região do baixo Orinoco, localizadas na Amazônia Venezuelana.

É uma das primeiras produções do cineasta José Padilha fora do Brasil, e assim como o documentário segue uma vertente de linguagem informativa e transformadora de realidade, José Padilha trouxe em Segredos da Tribo a forma antropológica de refletir sobre as mais variadas atrocidades que civilizações indígenas passam.

Em entrevista para o Jornal O Globo, Padilha apresenta o toque na ferida com uma crítica, onde

"há várias teorias interessantes sobre as civilizações indígenas". Mas o problema da Antropologia é que ela não foi capaz de decidir por uma delas ou, no mínimo, de comparar os diferentes dados das pesquisas e construir uma tese combinando as informações coletadas. Pior: ela não foi capaz de tomar uma posição em relação às disputas", disse José Padilha.

A maneira que o documentário vai se apresentando a quem assiste, é possível criar diferentes interpretações, mas que se entende o descaso com a cultura e convivência dos Yanomamis. Apesar dessas interpretações, a construção do documentário entra com asserções acerca do que o autor gostaria de reproduzir no audiovisual, em uma narrativa própria. E para isso, há elementos que contam como uma reprodução pode ser assertiva, Ramos (2008, pág. 24) explica isso através da narrativa voz over, mais conhecida como "voz do saber":

A voz do saber, em sua forma, perde a exclusividade da modalidade over. Ainda temos a voz over, mas os enunciados assertivos são os assumidos por entrevistas, depoimentos de especialistas, diálogos, filmes de arquivo (flexionados para enunciar as asserções de que a narrativa necessita). O documentário, portanto, se caracteriza como narrativa que possui vozes diversas que falam do mundo, ou de si. (RAMOS, 2008, p. 24).

Esse documentário é uma forma de expressão contada por aqueles que viveram tal história, a fim de mostrar/contar os acontecimentos que marcaram os Yanomamis. Aqui, como um dos pontos principais e antagônicos que um documentário pode trazer, cabe ressaltar que a narrativa é apresentada como uma denúncia por parte dos antropólogos, e ao mesmo tempo sendo eles os causadores do "mal". Esses antropólogos, franceses e americanos, teriam cometido assassinatos, abusos sexuais e disseminado doenças enquanto estudavam os índios Yanomamis, em 1960.

A imagem do documentário é uma junção espantosa de entrevistas com acadêmicos, relatos dos Yanomamis e imagens que foram gravadas nos anos 60 e 70. Nele, os antropólogos se atacam entre si, em acusações que vão desde fazer os índios de cobaia, pedofilia homo e hetero, até a manipulação de dados que contribuiriam para a construção de estudos e possíveis benefícios de políticas públicas aos Yanomamis. É um cenário totalmente caótico, porque os índios são postos como vítimas e a antropologia é totalmente tirada de contexto.

Uma coisa que se percebe é que no documentário há muitas vozes relatando o que aconteceu, é outro ponto crucial é que mesmo em alguns depoimentos dos Yanomamis relatando sobre rastros positivos de benefícios materiais que a presença dos antropólogos trouxe, não se sobrepõe quanto ao mal que eles causaram. Isso é muito complexo e pragmático, como se fosse uma síndrome de Estocolmo. O impacto maior do documentário são os relatos, que estão na língua original dos participantes e legendados no português brasileiro. As sequências se intercalam entre plano médio close, plano geral, plano americano, plano detalhe e grande plano geral. Essa composição cria uma intimidade com o telespectador, porque apresenta os personagens, onde eles estão, detalhes de aproximação e relação entre eles e o impacto de ver e ouvir os relatos.

Segundo as acusações em Segredos da Tribo, os antropólogos que se destacam na narrativa são Jacques Lizot, que oferecia presentes aos Yanomamis mais jovens em troca de sexo; Kenneth Good, que teria se apaixonado por uma Yanomami de 13 anos e a levado para os Estados Unidos; e um dos principais, Napoleon Chagnon, acusado de manipular dados.

O Napoleon até então tinha um dos estudos de mais referência nos Estados Unidos e Brasil, o livro "Yanomamo: The Fierce People", onde reunia vastas

informações sobre os Yanomamis. Mas ele foi acusado de promover uma certa limpeza étnica, somente para ditar que índios são inferiores e que sua teoria eugenista era a que prevalecia, além disso, ele teria disseminado sarampo aos índios Yanomamis só para mostrá-los como mais selvagens e violentos. A verdade é que um circo de julgamentos, vaidades e acusações se formou e mostrou o trato ruim que esses antropólogos deram aos Yanomamis durante seus estudos, como se quisessem se vangloriar de suas formações acadêmicas no lugar errado.

Nesta análise, percebe-se o quanto "Segredos da Tribo" traz muitas informações sobre diferentes vertentes, o "homem-branco" e os Yanomamis. E ainda, o destaque para os Yanomamis que estão para além das fronteiras brasileiras, na Venezuela. De acordo com o estudo do movimento global pelos direitos dos povos indígenas, Survival, atualmente os Yanomamis da Venezuela vivem em um território de 8,2 milhões de hectares. Eles vivem em casas grandes que acomodam muitas pessoas, tomam decisões em conjunto, têm um conhecimento botânico bem elevado, as tarefas são divididas por gênero, e tudo que consomem é de origem

Assim como em 1960, os Yanomamis continuam sofrendo pela presença violenta de pessoas fora de sua convivência e falta de políticas públicas em seu território. Os garimpeiros trabalham ilegalmente por lá, transmitem doenças, poluem os rios e florestas, e desmatam a flora local, provocando um desequilíbrio no meio ambiente e na vida dos povos Yanomamis, que acabam morrendo pelas contaminações e desnutrição. Essa perspectiva de documentário como o "Segredos da Tribo", que aplica o realismo de uma realidade, e traz a reflexão sobre cenários que precisam sumir, pode ser chamada de documentário reflexivo, onde Nichols (2012, pág. 63) explica que "chama a atenção para as hipóteses e convenções que regem o cinema documentário: aguça nossa consciência da construção da representação da realidade feita pelo filme".

Então, evidencia a montagem de narrativas em tempo e espaço que se ligam ao argumento que o documentário deseja causar, de maneira temporal e espacial, ou seja, cria efeito de consciência e projeta as questões que trouxe consigo. Sendo assim, após José Padilha produzir Segredos da Tribo com viés livre para conclusões, este trabalho leva em conta as consequências mais que negativas e problemáticas quando o “homem-branco” tenta se valer de superioridade inexistente para machucar Yanomamis. E esse retrato se torna ainda pior e mais repugnante quando enxerga-se que as únicas coisas que mudaram foram as diferentes pessoas que fazem o mal direta e indiretamente e o tempo, que antes era 1960, e agora 2023.

SEGREDOS DA TRIBO

Após todo o exposto, não basta o caminho da visibilidade, mas reconhecer esse povo como valor fundamental de desenvolvimento e mediação de políticas locais, sem que se aproveitem de discursos que outras partes fazem. O ideal é abrir espaço para que esse povo cresça e apareça ainda mais, por suas próprias ideias e aproveitamento.

A situação dos indígenas Yanomamis tem sido uma preocupação constante para os defensores dos direitos humanos, ambientalistas e governos de todo o mundo. Como já se sabe, eles são uma das maiores populações indígenas da América do Sul e vivem principalmente na Amazônia brasileira e venezuelana e seus problemas não começaram recentemente, são o acúmulo de séculos de opressão, descaso e abandono.

A crise enfrentada pelos Yanomamis envolve vários fatores, incluindo a destruição do seu habitat natural, conflitos com garimpeiros e madeireiros ilegais, além da falta de acesso a serviços básicos de saúde e educação. Um dos maiores desafios enfrentados pelos indígenas é a invasão de suas terras por garimpeiros e madeireiros ilegais. Esses grupos frequentemente usam métodos violentos para expulsá-los de suas terras e explorar seus recursos naturais,

levando à destruição de florestas e rios, bem como à disseminação de doenças e à execução de muitas lideranças.

Os governos brasileiros, em geral, têm enfrentado críticas por não terem feito o suficiente para proteger os direitos dos Yanomamis e garantir a sua segurança e bem-estar. Embora algumas medidas tenham sido tomadas para proteger as terras e combater a atividade ilegal, a eficácia dessas medidas tem sido limitada. Para enfrentar a crise é necessário um compromisso mais forte do governo brasileiro e da comunidade internacional para proteger os direitos desse povo e garantir que eles tenham acesso a serviços básicos, bem como a terra e os recursos naturais que são essenciais para a sua subsistência e bem-estar.

Isso requer o respeito e a proteção dos direitos humanos e dos direitos dos povos indígenas, além de políticas eficazes que possam garantir a sua proteção e bem-estar a longo prazo. Aqui, o ponto chave de interpretação a partir de Segredos da Tribo, é que no momento que se invade uma cultura e seu habitat, tudo desanda. A crise humanitária dos Yanomamis leva à necessidade de uma profunda reflexão sobre as causas dos problemas sociais enfrentados por eles, e assim, qual o caminho certo para todos evoluírem sem corroer o outro. E nem só nos Yanomamis, mas em contexto mundial. O cineasta foi muito feliz ao apresentar o cotidiano real dos indígenas em confronto com estudos antropológicos realizados na região desde os anos 60. Em suma, o documentário traz a tese que a presença maciça do homem branco na região, seja para entender, estudar ou para roubar e matar, levou o caos irreversível para a vida dos Yanomamis.

REFERÊNCIAS

- EDUARDO, Cleber. **O gozo do mal**. Abril, 2010. Disponível em: <http://www.revistacinetica.com.br/segredosdatribo.htm>. Acesso em: 21/03/2023.
- OLIVEIRA, Michele. **O documentário e suas especificidades**. Cepe, Pirenópolis, v.3, março de 2017.
- Os Yanomamis**. Survival, 2022. Disponível em: <https://www.survivalbrasil.org/povos/yanomami>. Acesso em 21/03/2023.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário/Bill Nichols**, tradução Mônica Saddy Martins-Campinas, SP: Papyrus, 2005. - (Coleção Campo Imagético).
- PADILHA, José. Segredos da Tribo. Globo Play, 2013.
- RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?** São Paulo: SENAC, 2008.



Ludmila Arruda Dias - Poliana da Silva Duque - Renata Gabriele da Silva Brito - Thalles Nascimento de Oliveira

PALAVRAS-CHAVE: Yanomami, documentário, resistência, cultura, saúde.

INTRODUÇÃO

O documentário “Yanomami, as Vozes da Floresta” traz a realidade de uma das maiores populações indígenas do Brasil, e destaca sua constante luta pela preservação do território e a resistência para sobreviver em meio a tantos conflitos contra invasões de garimpeiros, e as dificuldades de manter a saúde de todo um povo. Sendo a maior população indígena, os Yanomami possuem uma diversidade cultural vasta. A importância para valorização dessa cultura é destacado ao longo dessa análise sobre o documentário, no qual, é possível ressaltar a notoriedade das origens desse povo e interligá-lo à memória nacional do país.

Todavia, apesar de terem seu papel histórico lembrado, são constantemente esquecidos nas tomadas de decisões em relação às políticas públicas que atenderiam as necessidades desse povo, que vive em terras distantes e isoladas, e que estão sendo constantemente ameaçados, quer seja pelo garimpo, quer seja por conta das doenças. Na construção do texto, foram adotadas linhas de pensamento que, quando

captadas ao longo do documentário, dão diferentes tipos de interpretação, de acordo com quem decifra as informações transmitidas. Sendo assim, cada qual capta pequenas análises do que, implicitamente, o autor quis transmitir em suas próprias ideias e raciocínio.

DESENVOLVIMENTO

O documentário dirigido por Emmanuel Oger explora a cultura e o modo de vida do povo Yanomami. O dia a dia, a simplicidade dos indígenas e a ligação com a natureza, como também a resistência e luta para manter suas tradições e vidas preservadas. Emmanuel Oger subiu com sua equipe para se encontrar com os Yanomami, conseguindo captar imagens profundas e depoimentos sensíveis dos pajés e caciques daquelas aldeias, dando voz a um povo que precisava ser ouvido. O primeiro encontro com os Yanomami aconteceu na aldeia Ixima, o intuito era conhecer suas tradições e lutas. No local ainda foram apresentados a prática do xamanismo, que na visão de um xamã, o mundo visível e o invisível são interligados e eles conseguem se conectar com os espíritos através

dos seus rituais, para eles é necessário praticar o xamanismo todos os dias.

O primeiro depoimento foi do sábio da aldeia de Ixima, Wenderley “Papatae”. Ele conta que foi levado para um internato no colégio Santa Isabel, onde estudou por quatro anos, foi doutrinado no catolicismo e esqueceu suas raízes, até que um padre contou que ele era filho de um Yanomami e o levou de volta para seu pai. Isso era recorrente devido aos períodos de chuva. As aldeias vizinhas acolhiam várias crianças como forma dos pais protegerem seus filhos. Quando Wenderley voltou seu pai e os pajés o convenceram e o pintaram para ser um pajé. Os xamãs utilizam parika para o ritual, soprado pelo nariz, com algumas ferramentas. Dessa forma se conectam com os espíritos através das danças e cantos.

O chefe da Aldeia de Ixima “Tuxawa” Carlito relata a importância da floresta para o povo Yanomami e compara a visão que eles e os brancos (napë) têm sobre ela, pois para os homens eles conhecem a floresta apenas para extrair o que precisam, sem se preocupar em poluir os rios e em quem irá sofrer as consequências. Já os povos indígenas, além de verem que em cada parte da floresta existe vida e espírito, eles necessitam dela para sua sobrevivência.

A equipe embarca na viagem para conhecer a aldeia Tomoropiwe liderada pelo “Tuxawa” Chiquinho, que comenta sobre suas preocupações com os problemas de saúde da sua aldeia, o maior problema é a Malária. Ele conta que seu maior desejo para o futuro é a melhoria de seu povo. Apesar de estarem ligados aos medicamentos naturais e aos seus rituais espirituais de cura, eles não conseguem combater essa doença e precisam de ajuda. No entanto, mesmo com alguns centros de saúde instalados pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), o acesso segue sendo difícil para os Yanomami, principalmente, no tempo de seca. O líder Chiquinho, diz que é da área da saúde e se disponibilizou a ajudar. De acordo com ele, combater a malária é difícil.

O documentário “Yanomami, as Vozes da Floresta” retrata a realidade desse povo que vive na fronteira entre a Venezuela e o Brasil.

Habitantes de um território vasto e rico de minérios, como por exemplo, o ouro e a cassiterita.

Além da riqueza material, o território também é rico em cultura. Os costumes, a culinária e os rituais do povo, sobrevivem e são passados de geração para geração.

Apesar das dificuldades de sobrevivência, os líderes reforçam as crenças nos espíritos protetores, mas destacam a negligência para com os povos que resistem ao tempo e as constantes doenças, como por exemplo a malária, que poderiam ser evitadas e tratadas.

Ameaçados por conta do avanço do garimpo, da extração de madeira ilegal, da presença contínua de fazendeiros, o território Yanomami passa a ser alvo por conta dos recursos naturais que possui. Esse grupo étnico indígena acaba sendo constantemente afetado e esquecido pelos órgãos responsáveis pela proteção dessas pessoas. Apesar de terem todas essas dificuldades, os Yanomami, manifestam sua cultura através da resistência. É parte da cultura desse povo guerrear. Desistir, enfraquecer ou esquecer, não fazem parte do seu vocabulário.

Em certa época do ano, o território fica completamente isolado por meses, por conta do período de seca dos rios. Mesmo assim, eles não desistem de lutar por seu território, não enfraquecem mesmo em período de perda ou doença. Eles também reforçam o quanto são esquecidos pelo Congresso Nacional e Governo Federal. Quando existe um povo originário, a sua existência é de extrema importância para a história do país e para a preservação do meio ambiente, onde vivem. Portanto é necessário que essa comunidade e seu território sejam vistos e valorizados pelas políticas públicas, como algo valioso para a nação.

Segundo o autor Luiz Lucena, a função do documentário é destacar a mensagem aberta, o intuito é não definir parâmetros de interpretações para quem assiste. Cabe a cada um, dos telespectadores, compreender de acordo com a suas próprias vivências e opiniões, para que essa mensagem aberta e sem interferências, seja explicativa o suficiente para aguçar o pensamento crítico a partir do que lhe fora apresentado.

O documentário explicita um povo que deseja permanecer em seu território, mas por falta de recursos em diversas áreas, como educação, segurança mas, principalmente, na saúde básica, acabam sem qualidade de vida adequada.

Esquecidos entre o chamado cinturão de rochas verdes, vivem à margem da ausência de políticas públicas eficazes, se fez necessário recorrer a quem pudesse lhe dar voz. O documentário mantém a mensagem que os povos desejavam transmitir, a preservação da floresta, que tem uma importância para o vínculo espiritual desse povo com a natureza.

Por ser um lugar de difícil acesso, as invasões se tornam comuns e com elas a extração de minérios, que causam graves danos à saúde dos Yanomami, sendo expostos ao mercúrio, uma substância tóxica utilizada no processo de mineração. Outro ponto a ser levado em conta, é a falta de fiscalização e proteção para essa comunidade. Reforçar a segurança, a saúde, a educação e combater as extrações de madeira e minérios ilegais, devem ser parte do plano de ação para a defesa e proteção das terras indígenas.

CONSIDERAÇÕES

Assim sendo, construir um ambiente seguro e pacífico, é atender e dar voz a esse povo para além das terras Yanomami. Bem como promover uma convivência digna na comunidade em que se encontra negligenciada. Apesar das constantes invasões e dos direitos infringidos, o povo Yanomami mantém suas tradições, modo de vida e alimentação. Com uma cultura rica e valiosa para a diversidade do país em que habitam.

Da mesma forma, o documentário também aborda como a prática religiosa do xamanismo é essencial na rotina da comunidade e de maneira sensível e humanizada, Emmanuel Oger captura imagens e traz como foco central o contato dos Yanomami com a natureza e com os espíritos protetores. Isso demonstra como o documentário tem um papel importante ao apresentar a essência da realidade vivida pelos personagens.

REFERÊNCIAS

- **Yanomami, as Vozes da Floresta**, Emmanuel Oger, RTP, 2020. Disponível em <https://www.dailymotion.com/video/x8i9pwo>
- LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. Summus Editorial, 2012.



André Rosenthal - Gleycyane Maciel Cristo - Luana dos Santos Silva Lopes - Lucas de Oliveira Conrado - Thiago Silva de Araújo

R E S U M O

Este paper traz apontamentos metodológicos e técnicos a partir de uma análise fílmica do documentário "A Última Floresta". A partir da elaboração de eixos analíticos para atividade da disciplina Documentário no curso de graduação em Jornalismo, buscamos elucidar o caminho percorrido de modo a dar nossas perspectivas sobre a obra e elaborar categorias de análise para quem ainda busca um conhecimento técnico-teórico sobre produções audiovisuais, é importante salientar que a análise fílmica é interpretativa, não possuindo um caminho único a ser percorrido.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário; Última Floresta; Yanomami.

INTRODUÇÃO

Nosso objeto de análise é formado por um documentário "A Última Floresta" que retrata a realidade dos indígenas Yanomami. A Terra Indígena Yanomami, homologada por decreto do ano de 1992 (BRASIL, 1992), está localizada no extremo norte do Brasil, na porção oeste de Roraima e norte do Amazonas, na Amazônia legal.

O documentário é uma obra cinematográfica disponível na plataforma de stream Netflix, e apresenta um olhar sensível e reflexivo sobre a vida e a luta dos indígenas Yanomami pela preservação de sua cultura e da floresta amazônica. Dirigido pelo brasileiro Luiz Bolognesi e produzido por Caio Gullane e Fabiano Gullane, o filme nos transporta para o coração da Amazônia, onde a tribo vive. Lutando contra a invasão de garimpeiros, madeireiros e outros exploradores que ameaçam seu modo de vida, nos mostra também a árdua batalha pela preservação de seu

território e cultura, suas vivências e o cotidiano da tribo, essa obra tem uma grande importância histórica, pois aborda as questões ambientais e sociais que afetam essa comunidade.

Em 2018, um xamã Yanomami denunciou a existência de cinco mil garimpeiros atuando na extração de ouro (FOLHA WEB, 2018), fato que corroborou com um documento oficial da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que em dezembro de 2016, apontou existência dos mesmos cinco mil garimpeiros (FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO, 2016), além do estudo de caso que mostrou a atuação de oitocentos garimpeiros em um único ponto de garimpo flagrado pelo Exército Brasileiro (RAMOS; RODRIGUES, 2018), atuando nos mais de nove milhões de hectares daquela terra indígena.

São esses fatos que o filme aborda, além da rotina, as crenças e a relação dos indígenas com a

natureza, bem como sua preocupação em defender o direito de permanecer em suas terras sem sofrer ameaças, como o envenenamento por mercúrio, que no processo de extração do ouro, cerca de 20% do mercúrio manipulado é despejado diretamente no rio, os outros 80% evaporam para a atmosfera durante a amalgamação e entram na cadeia alimentar através da precipitação metálica nas lavouras ou após a metilação em animais e plantas consumidos pelos indígenas (BARBOSA; DÓREA, 1998), além disso, os assassinatos por garimpeiros e estupro de mulheres e morte de crianças.

O documentário também apresenta a lenda dos irmãos Omama e Yoasi, que originaram o povo Yanomami, e denunciam os perigos da invasão do garimpo, que contaminam as águas com compensação, prejudicando a fauna e flora da região e afetando a saúde dos indígenas. Além disso, o filme destaca a falta de ação do governo em proteger as terras dos Yanomami e a tentativa de legalizar a invasão dos garimpeiros.

O Xamã Davi Kopenawa aparece no documentário para alertar aos estudiosos e formadores de opinião sobre os malefícios causados pela ganância dos brancos (aquele que não é indígena) e sua visão de que a mercadoria é o fator mais importante para quem vive na cidade, enquanto para os Yanomami, a fauna, flora e sobrevivência são prioridades. O discurso breve, porém, impactante, ressalta a importância da preservação da floresta e da existência dos povos indígenas que nela habitam.

DESENVOLVIMENTO

Nessa análise vamos abordar primeiramente a característica e o sentido narrativo. É importante dizer que quem conta a história, a priori é um narrador-observador, mas ao decorrer do filme vamos identificar um narrador-personagem, por exemplo, quando o Xamã Davi Kopenawa faz o discurso alertando sobre os malefícios da invasão de seu território. O roteiro do filme é construído a partir da perspectiva dos Yanomami, que contam suas histórias, crenças e desafios. A narrativa é conduzida de forma envolvente, mesclando depoimentos com imagens que retratam o cotidiano da comunidade e a beleza da floresta amazônica.

Também iremos discorrer, de forma primordial, sobre o sentido ideológico, e aqui pretendemos verificar qual a posição, a ideologia e a mensagem do filme em relação ao tema abordado, pois segundo Penafria (2009), a análise interna concentra-se na obra audiovisual enquanto uma produção individual e singular, e a externa “considera o filme como o resultado de um conjunto de relações e constrangimentos nos quais decorreu a sua produção e realização, como sejam o seu contexto social, cultural, político, econômico, estético e tecnológico” (PENAFRIA, 2009, p. 07).

A “Última Floresta” apresenta a realidade dos Yanomami, um povo que vive em isolamento na floresta amazônica e que luta para preservar seu modo de vida e suas tradições. A narrativa do filme se concentra na relação entre o povo Yanomami e a floresta, destacando a importância da preservação do meio ambiente para a sobrevivência da tribo. O filme também destaca a presença de invasores em suas terras, que causam danos irreparáveis ao meio ambiente e à saúde da população local.

O documentário começa com uma cena impressionante em que uma criança Yanomami é submetida a um ritual de iniciação, em que é pintada e marcada com o sangue de animais. A partir daí, acompanhamos a rotina da tribo e a luta de seus membros para manter sua cultura e sua terra. Os Yanomami são retratados como um povo resiliente e forte, que se mantém unido em face das adversidades e luta bravamente pela preservação de sua floresta.

O filme mostra de forma clara e contundente os efeitos nefastos da invasão da floresta amazônica por garimpeiros, madeireiros e outros exploradores. Vemos como a presença desses invasores tem impactado diretamente a vida dos Yanomami, poluindo os rios, destruindo a fauna e a flora e comprometendo a saúde dos indígenas. A exposição aos vapores do mercúrio, o que é comum no seu uso por garimpeiros na manipulação do amálgama para obtenção de ouro, o que resulta na “absorção pela via pulmonar e em menor proporção através da via dérmica” (LARINI, 1997, p. 129).

E quando isso ocorre, são observados sintomas neurológicos. (LARINI, 1997), como também distúrbios neuropsíquicos, vômitos e diarreias, alterações da personalidade e do caráter, ansiedade,

perda da capacidade de concentração, depressão, irritabilidade, anorexia, perda de peso, insônia, aparecimento de tremores faciais que se estendem para os membros superiores e inferiores e transtornos renais, e é o que temos visto nos últimos noticiários sobre os indígenas Yanomami.

O documentário também aborda questões importantes sobre a preservação da cultura e dos saberes indígenas. Vemos como os Yanomami se relacionam com a natureza de forma integrada e respeitosa, e como suas crenças e tradições estão diretamente ligadas à floresta. O filme mostra como a perda da floresta amazônica e a invasão dos exploradores pode significar a extinção não apenas da fauna e da flora, mas também extinção práticas e saberes culturais que são possíveis somente com a floresta em pé.

Uma das questões mais relevantes abordadas no documentário é a relação entre os Yanomami e o Estado brasileiro. A Constituição brasileira de 1988 reconhece a existência dos povos indígenas e estabelece que suas terras devem ser protegidas pelo Estado (BRASIL, 1988).

No entanto, a realidade é bem diferente, já que as comunidades indígenas continuam sofrendo com a falta de proteção e o avanço das atividades econômicas em suas terras. O filme mostra que a proteção da terra Yanomami não é efetiva, e os invasores seguem agindo impunemente.

Afetados pela presença do garimpo ilegal em suas terras, os indígenas Yanomami têm sofrido com casos de desnutrição e doenças como malária e pneumonia. (AGENCIA BRASIL, 2023).

Além disso, o documentário também destaca a importância da medicina tradicional na cultura Yanomami. A tribo tem um conhecimento profundo das plantas medicinais e usa esse conhecimento para tratar diversas doenças. No entanto, o avanço do desmatamento e da mineração tem afetado a disponibilidade dessas plantas, o que coloca em risco a saúde da população.

Nesse ponto vamos observar os sons que compõem o filme, os momentos em que são ouvidos e qual a posição da câmera em relação ao objeto a ser filmado. Penafria (2009) explica que esse aspecto leva em consideração o visual/sonoro.

A trilha sonora é elemento que merece destaque. Composta por Takumã Kuikuro e Pedro Ivo, a música é inspirada em rituais e canções tradicionais dos Yanomami, criando um ambiente sonoro autêntico e emocionante.

Um dos aspectos mais marcantes da cinematografia de "A Última Floresta" é o uso de planos abertos e closes, que valorizam as paisagens naturais e a expressão dos personagens. As tomadas panorâmicas são utilizadas para contextualizar a geografia e a biodiversidade da região, enquanto os closes são empregados para mostrar as expressões faciais e corporais dos Yanomami, transmitindo a emoção e a profundidade de suas experiências.

O documentário começa com um Grande Plano Geral (GPG), seguido de um Plano Médio Longo (PML), o que resulta em um Plano Detalhe (PD) dando destaque a carne sendo cortada. Outra cena que chama muita atenção é quando todos se reúnem para tomar banho em um igarapé, a água, extremamente limpa, o registro é feito em GPG para obter uma imagem mais aberta, expondo o ambiente.

Como o documentário exibe o cotidiano e ambiente em que estão inseridos, é comum que ao longo do filme a maioria das cenas serem capturadas em Grande Plano Geral ou Plano Geral. Outro plano bastante usado é o Plano Americano ou Plano Médio, possibilitando não somente mostrar o ambiente, como também às expressões faciais dos personagens.

Os artesanatos e coisas que fazem normalmente surgem como Plano Detalhe, seguido de um Primeiro Plano (PP), dando foco à expressão do momento e do que estão fazendo. Quando o indígena faz contato por rádio, percebemos o Plano Detalhe no rádio e nas fotos sob superfície de madeira. Ao cheirarem algo de tubo fino, o PP é predominante, o que deixa evidente não só a expressão de cada um durante a ação, mas também evidencia o cenário, e aquela ação toma conta da construção fotográfica.

Durante a entrada na universidade usa-se o Plano Geral e Grande Plano Geral principalmente para dar noção de grandeza, estar presente no local. Outro destaque é o uso de imagens aéreas, que permitem uma visão ampla da floresta e da comunidade Yanomami. As cenas noturnas também são muito bem executadas, com um jogo de luzes que revela a atmosfera mística e enigmática do lugar.

CONSIDERAÇÕES

"A Última Floresta" é um documentário importante que retrata a realidade dos Yanomami e suas lutas pela preservação de seu território e cultura. O filme destaca a relação entre os Yanomami e a floresta, bem como as ameaças que a tribo enfrenta com a invasão de suas terras e o avanço das atividades econômicas. A proteção das terras indígenas é fundamental para garantir a sobrevivência das comunidades indígenas e a preservação da biodiversidade da Amazônia. É necessário que o Estado brasileiro cumpra sua obrigação constitucional de proteger as terras indígenas e garantir o respeito à cultura e aos direitos dos povos indígenas.

O documentário mostra que a medicina tradicional é parte integrante da cultura Yanomami e que sua preservação é fundamental para a saúde e bem-estar da comunidade. A preservação da cultura Yanomami é um desafio urgente e deve ser encarada como uma questão de justiça social e ambiental. É preciso respeitar e valorizar a diversidade cultural e a sabedoria ancestral dos povos indígenas.

Além disso, é importante que a sociedade em geral se conscientize sobre a importância da preservação da Amazônia e da proteção dos povos indígenas que vivem nessa região. É fundamental que as pessoas entendam que a destruição da floresta amazônica tem impactos não apenas locais, mas globais, afetando o clima, a biodiversidade e a qualidade de vida de todos. É preciso apoiar iniciativas de proteção ambiental e de valorização da cultura e dos direitos dos povos indígenas, bem como pressionar os governos e as empresas a agirem de forma responsável e sustentável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGENCIA BRASIL. **Crise humanitária: mais uma criança yanomami morre em Roraima**: Ela foi vítima de desnutrição grave e desidratação. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-02/crise-humanitaria-mais-uma-crianca-yanomami-morre-em-roraima>> . Acesso: Acesso em: 02 de mar. de 2023.
- BARBOSA, A. C.; DÓREA, J. G. Indices of mercury contamination during breast feeding in the Amazon Basin. *Environmental Toxicology and Pharmacology*, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 71-79, oct. 1998.

- BRASIL. Decreto de 25 de maio de 1992. Homologa a demarcação administrativa da Terra Indígena Yanomami, nos Estados de Roraima e Amazonas. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 26 mai. 1992a. Seção 1, p. 6457
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- FOLHA WEB. Liderança denuncia presença superior a 5 mil garimpeiros na terra indígena Yanomami. Folha BV, Boa Vista, 09 abr. 2018. Polícia. Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/Lideranca-denuncia-presenca-superior-a-5-mil-garimpeiros-na-terra-yanomami/38575> Acesso em: 02 de mar. de 2023.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI. Relatório de viagem executada. Sobrevoos de monitoramento a ilícitos etnoambientais na Terra Indígena Yanomami. Lei de Acesso à Informação - protocolo 08850003328201735, 16 de dezembro de 2016.
- RAMOS, A.; RODRIGUES, F. dos S. O Garimpo Ilícito na Terra Indígena Yanomami entre a Cosmovisão Indígena e Ações Estatais. *Unisul de Fato e de Direito: revista jurídica da Universidade do Sul de Santa Catarina*, [S.l.], v. 9, n. 16, p. 25-35, mai. 2018.
- PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). In: VI Congresso SOPCOM, Lisboa, 2009. *Anais eletrônicos...* Lisboa, SOPCOM, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 02 de mar. de 2023.
- LARINI, L. *Toxicologia*. 3. ed. São Paulo: Editora Manole, 1997.



YANOMAMI: A TERRA GARANTIDA

Messias Ramos da Silva - Cristiana de Souza Gomes

RESUMO

Este estudo aborda sobre história do povo Yanomami. As discussões acerca deste tema se justificam em razão das grandes ameaças em que os mesmos vêm sofrendo. Sendo assim, o intuito do estudo foi analisar o documentário “A Terra Garantida”.

PALAVRAS-CHAVE: Povo Yanomami; Garimpeiros; Documentário; Terras Indígenas.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa versa sobre o povo indígena Yanomami. Esse cenário se mostra importante, pois é uma realidade de um povo na qual estavam e estão esquecidos. O Povo Yanomami reside entre Brasil e Venezuela. A estimativa é que no território brasileiro são cerca de 30 mil indígenas.

Yanomami significa “Ser Humano”, seres humanos que necessita de respeito em suas terras, saúde e segurança. O documentário relata a situação desses povos, eles sempre foram ameaçados e poucas das vezes foram amparados pelas autoridades.

O documentário começa relatando a dificuldade e suas origens, com a imagem antiga, o documentário consegue passar informação e um olhar social para essa população.

Em complementação, Ramos (2008) descreve os documentários como narrativas que são compostas por imagens-câmera, que, além disso, consegue olhar em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior.

DESENVOLVIMENTO

Não é de hoje que o povo Yanomami vem sofrendo com invasões de garimpeiros em suas terras, o documentário “Yanomami: A Terra Garantida” mostra isso. Os primeiros contatos do povo Yanomami foram em torno de 1800, com os Portugueses, mas foi nos anos 70, com aberturas de estradas, que dá-se a maior interferência da sociedade na vida daquele povo, com a chegada dos invasores chegaram também as doenças, com a malária, a tuberculose, sarampo e a desnutrição, causada pelo caça com armas de fogo que exterminaram os animais da região, eles que vivem da pesca, caça e da colheita de frutas.

O documentário começa com um Grande Plano Geral, onde mostra a área que é habitada pelo povo indígena Yanomami. Eles vivem há mais de 3 mil anos no norte do Brasil e no sul da Venezuela. Algumas imagens estão no Plano Geral, Plano Médio e outras no Plano Próximo, onde mostra o rosto de alguns Yanomamis. Apesar das imagens serem de meados

dos anos 80 e 90, e o documentário ser 'editado' apenas em 2020, Sydney Possuelo, que é responsável por elas já dominava as técnicas dos planos, para realização de um documentário.

Ao longo do tempo o quadro de saúde entre os Yanomamis foi se deteriorando, em torno de 1987, quando a terra indígena tinha apenas 10 mil Yanomamis, os garimbeiros chegavam a 40 mil.

Em 1990, quando assumiu a Presidência da República, Fernando Collor anunciou como uma das principais metas do seu governo, a retirada dos garimpeiros e a demarcação da terra indígena, onde aconteceu uma ação e explodiram pistas que servia como pouso de aviões dos garimbeiros, Mas de início não surgiu efeito, e eles voltaram. Em 1991, o presidente Collor nomeou para a FUNAI, Sydney Possuelo, só então, ele realizou uma ação mais robusta, com várias polícias e em 4 meses conseguiu tirar os garimbeiros da terra indígena.

Em 1991, o Ministério da Justiça, através do seu titular o Senador Jarbas Passarinho, reconheceu a terra Yanomami com 94 mil km quadrados. Mas, só em 1992, o então Presidente Collor, homologou a área e regularizou definitivamente, deixando à uso exclusivo do povo Yanomami.

No entanto, 30 anos depois vemos uma situação de calamidade humanitária, onde ocorreu a omissão do Governo Estadual de Roraima e principalmente do Governo Federal, em não ajudar o povo Yanomami. Só em Janeiro deste ano chegou o socorro, mas ainda não são insuficientes, as equipes médicas, e a ajuda com alimentação não conseguem chegar a todas as comunidades, e ainda precisa de muitas coisas a ser feitas por aquele povo.

CONSIDERAÇÕES

Documentário, matéria especial e grande reportagem sempre foram difíceis de ser definir de uma forma mais clara. Ao longo dos anos, vários historiadores e autores estudaram sobre a definição de cada categoria de audiovisual. Estudado em sala de aula o autor brasileiro Fernão Pessoas Ramos, em seu livro "Mas Afinal... o que é mesmo documentário?" trás uma definição na qual ficamos reflexivos sobre os documentários.

No primeiro tópico o autor se debruça na parte teórico em seguida ele faz uma relação da teoria e prática. Nota-se a importância da prática

e teoria no documentário, mas, além disso, é se relacionar com a história e humanizar aquele fato, ao me conectar com a história faz uma grande diferença em qualquer trabalho. Ramos até cita sobre essa percepção do olhar, podemos brincar no documentário colocando músicas, gráficos e entre outras coisas, mas é necessário que aquele material produzido no final deixe todos reflexivos.

No documentário Yanomami: A Terra Garantida foi abortada a história daquele povo e como ao longo do tempo vem sofrendo com invasores, que são os garimbeiros.

REFERÊNCIAS

- Museu do Índio. **Documentário Yanomami: A Terra Garantida**. Disponível em: <https://youtu.be/3IFOPbQvXjY>
- RAMOS, Fernão. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** SP. Senac, 2008.



“DAVI KOPENAWA, UM XAMÃ YANOMAMI”

André Aquino de Araújo Bahia - Rodrigo do Rosário Xavier

RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo falar sobre Davi Kopenawa e também reproduzir os seus principais feitos e suas principais lutas contra o garimpo, que afeta a vida de seu povo em uma análise sobre a teoria de Fernão Ramos e os aspectos da construção de um documentário “Davi Kopenawa, um Xamã Yanomami” e a visão dele. Davi Kopenawa, é mostrado como um Xamã de todos os povos e a sua figura e religiosa ganha proporções filosóficas e símbolo de resistência pela vida de nosso planeta.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, uma crise humanitária que afeta os indígenas Yanomami no Brasil tem sido cada vez mais grave e preocupante. A situação desses povos é alarmante, com a violação de seus direitos fundamentais, a invasão de suas terras e a contaminação de seus recursos naturais.

Os Yanomami são um dos maiores grupos indígenas da América Latina e vivem em uma região de fronteira entre Brasil e Venezuela. Eles dependem diretamente da floresta para sua subsistência e preservam uma cultura ancestral rica em tradições e conhecimentos.

No entanto, desde os anos 1980, a região onde vivem vem sendo invadida por garimpeiros ilegais que buscam ouro, prata e outros minérios. Além de degradar a floresta e contaminar rios e solos, esses eles trazem doenças e violência para as comunidades indígenas.

A situação se agravou ainda mais durante a pandemia de Covid-19, que trouxe ainda mais vulnera-

bilidade para os Yanomami. Em 2020, o número de casos de Covid-19 na região cresceu exponencialmente, colocando em risco a vida de muitas pessoas. A falta de infraestrutura e a dificuldade de acesso a serviços de saúde pioram ainda mais a situação.

Além disso, a política do governo brasileiro em relação aos povos indígenas tem sido muito criticada nos últimos anos. O governo tem implementado medidas que enfraquecem a proteção das terras indígenas e a demarcação de novas áreas. A redução do orçamento para a Fundação Nacional do Índio (Funai), órgão responsável pela proteção dos direitos indígenas, também gerou críticas.

Em suma, a crise humanitária que afeta os indígenas Yanomami no Brasil é resultado de uma série de fatores, como a invasão de terras, a exploração de recursos naturais, a violência e a falta de políticas públicas eficazes. É fundamental que o governo brasileiro reconheça

a gravidade da situação e tome medidas urgentes para proteger os direitos desses povos e garantir sua sobrevivência.

O documentário em análise traz Davi Kopenawa como personagem principal da narrativa. Ele tornou-se um líder de destaque mundial ao lutar pela manutenção das terras Yanomamis livres de invasores. Com isso Kopenawa sofre perseguição e está ameaçado pela ambição dos homens brancos. A luta em defesa da floresta ganhou proporções significativas nos últimos anos quando milhares de garimpeiros exploraram as terras indígenas, a fome e a doença assolaram o território.

DESENVOLVIMENTO

O objeto de estudo será o documentário produzido pela TV Cultura postado no Youtube em dois de junho de 2022 “Davi Kopenawa, um xamã Yanomami”. Em homenagem ao xamã e ao povo Yanomami, com produção de Laís Duarte, Euclides José, Erinaldo Clemente, Alisson Cruz, Wagner Leal, Leandro Silva, Ricardo Ferreira e Simão Shoz.

O documentário é uma forma de expressão audiovisual que utiliza elementos como narrativa, imagem-câmera, asserções sobre o mundo, regras a serem seguidas, criatividade e inventividade para contar histórias e retratar a realidade. Seu objetivo principal é registrar eventos e situações com um olhar mais próximo do que é considerado verdadeiro, apresentando fatos e informações de forma objetiva.

Outro conceito que faz parte da visão lógico-analítica do documentário pode ser definido como ‘indexação’, que aponta para a dimensão pragmática, receptiva, do documentário. A ideia é que, ao vermos um documentário, em geral temos um saber social prévio, sobre se estamos expostos a uma narrativa documental ou ficcional. Como espectadores, fruimos a narrativa em função deste saber prévio. (RAMOS, 2008)

A proteção tão merecida com a demarcação de terras não veio junto com a lei que garante o território. O garimpo ilegal e o roubo de madeira destroem a floresta, contaminam rios, ameaçam a sobrevivência do povo Yanomami. Então, partindo desta perspectiva o retrato do meio ambiente na Amazônia, o território e povo indígena, estão ameaçados tomando Davi Kopenawa o líder da resistência com voz e holofotes no mundo todo.

A construção da narrativa retrata a vida de Davi Kopenawa, líder indígena, como o personagem central das transformações e desenrolar da história. As memórias registradas em mídias catalogadas nas principais reuniões e encontros que Davi participou pelo mundo evidenciam a relevância e a grandeza que o autor quer atribuir ao personagem. Além disso, se fez necessário introduzir ao público o universo Yanomami. A forma de mensurar o tempo, refletir sobre a vida e a morte, o relacionamento com os espíritos da floresta e até mesmo internalização da criação do mundo segundo a cultura indígena Yanomami.

A cronologia, segundo o calendário indígena, adotada pelo autor no desenvolvimento do personagem cria ligações com o meio ambiente e as interações com o mundo externo, ou seja, o nosso mundo agredindo a realidade social do povo indígena, seja na degradação da floresta, nas doenças e na atuação dos governantes políticos.

O enredo destaca o apelo de Kopenawa em urgência pela preservação da comunidade e a harmonia com os deuses da floresta. De acordo com o documentário entre 2020 e 2021 o desmatamento cresceu 46%.

O personagem Davi Kopenawa há décadas fala ao mundo tornando-se por si só relevante e objeto da pesquisa. Ele já foi recebido por reis e presidentes. Recebeu o prêmio Global 500 da ONU e a Ordem do Mérito do Brasil. Em 2019, na Suécia, ganhou o prêmio Right Livelihood, conhecido como o "Nobel Alternativo". (TV CULTURA, 2022)

Podemos mesmo dizer que o documentário aparece quando descobre a potencialidade de singularizar personagens que corporificam as asserções sobre o mundo. (RAMOS, 2008, P. 26)

Segundo a Academia Brasileira de Ciências, Kopenawa é “a principal liderança do povo” Yanomami, é amplamente conhecido por sua defesa dos direitos dos povos indígenas e pela conservação da floresta amazônica, tendo uma importante atuação nos debates acerca do reconhecimento dos saberes indígenas para refletir e atuar sobre a crise ambiental e humana enfrentada pelo mundo contemporâneo. Os impactos de sua atuação dos direitos humanos e das políticas públicas direcionadas aos povos indígenas e na discussão ambiental são altamente

expressivos, em âmbito nacional e internacional.

O documentário também é influenciado pela ideologia dominante, o que pode levar à fragmentação e representação do saber de forma tendenciosa. Nesse sentido, é importante que o documentarista tenha consciência do impacto que suas escolhas podem ter na mensagem final.

Em defesa da Amazônia, Davi Kopenawa há décadas fala ao mundo, contribuiu para desestabilização de estruturas que alimentam ação colonialista do poder e a cada análise a obra vai se desenhando em projeto descoloniza em andamento, que apresenta o pensamento crítico de fronteira como resposta das influências europeias introduzidas no nosso meio desde a ocupação há séculos e por agravos da modernidade aos territórios.

A subjetividade do autor é outro aspecto marcante no documentário, já que ele é muitas vezes responsável por sustentar uma opinião e promover uma reflexão saída ética. Isso pode gerar prós e contras em relação a relação com a realidade e à fidelidade dos fatos apresentados.

Apesar disso, a criatividade e inventividade do documentarista permitem que o documentário explore temas e abordagens de maneiras inovadoras, enriquecendo a forma como percebemos o mundo ao nosso redor. Através da linguagem audiovisual, o documentário pode mostrar a complexidade da realidade de forma emocionante e envolvente, abrindo portas para novas perspectivas.

CONSIDERAÇÕES

O documentário em si requer um roteiro com as nuances do cinema com o personagem principal, os desafios e a reviravolta. Neste caso, os garimpeiros, as doenças e mesmo ações do governo somam o contraste com o enaltecimento do líder Xamã, que é o supremo líder religioso do povo Yanomami no mundo. Davi Kopenawa é retratado como Xamã de todos os povos e sua figura política e religiosa ganha proporções filosóficas e símbolo de resistência pela vida do nosso planeta.

Em suma, o documentário é uma forma poderosa de expressão que pode apresentar diferentes pontos de vista sobre um tema ou situação. Embora seja necessário considerar a subjetividade do autor e a influência da ideologia dominante, o documentário ainda é uma ferramenta valiosa para promover a reflexão crítica e enriquecer nosso conhecimento sobre o mundo.

Portanto ao estudar o documentário observa-se que as medidas que o Governo Federal adotou para a população indígena foram ineficazes nos últimos 30 anos. E que com o passar dos anos o problema com os invasores tornou-se crônico e até mesmo apoiado por lideranças políticas locais. E nitidamente existe a falta de interesse em apoiar os serviços básicos de saúde e alimentação para esses povos tradicionais. A atuação dos garimpeiros é um crime contra a existência do povo Yanomami.

REFERÊNCIAS

- TV CULTURA, “**Davi Kopenawa, um xamã Yanomami**”. Disponível em: <https://youtu.be/FUxFnbyEI68>, 2022. Acesso 03 de abril de 2023, 17h25.
- RAMOS, Fernão. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** SP. Senac, 2008.



TERRA YANOMAMI CELEBRA 30 ANOS DA HOMOLOGAÇÃO

Victor Hugo Rebelo Garcia - Thaysa Gabriela Nery Pena - Jadson de Souza Lima - Vitor Alexandre Canavarro Roberto - Luiz David Ferreira Pinheiro

R E S U M O

O presente trabalho tem por objetivo caracterizar os principais pontos em relação ao documentário referente aos 30 anos da demarcação e homologação da Terra Yanomami, que conta com cerca de 10 milhões de hectares e 38 mil habitantes, segundo a organização indigenista Survival, se tornando a maior reserva indígena do Brasil. Dito isso, analisaremos não só o conteúdo exposto no produto apresentado, mas também seus conceitos técnicos e teóricos, envolvendo desde a produção até a forma de filmagem e perspectiva dos elementos expressados. O material nos leva a uma reunião dos Yanomami que contou com mais de 500 pessoas, a fim de celebrar a data e fortalecer a luta por seus direitos, paz e respeito, os apontando também como o futuro da humanidade. Ainda assim, depois de três décadas, há registros do retorno de invasores nessas terras, dentre eles, garimpeiros, caçadores e traficantes.

PALAVRAS-CHAVE: Terra, indígena, Yanomami, demarcação.

INTRODUÇÃO

O Ministério da Saúde do Brasil declarou, em 20 de janeiro de 2023, emergência em saúde pública em território Yanomami. A medida, de acordo com a pasta vinculada ao Governo Federal, seria o primeiro passo para combater a desassistência sanitária dos povos indígenas que vivem na região. Também foi criado um Comitê De Coordenação Nacional que, segundo o decreto, irá discutir e adotar medidas em articulação entre os poderes para prestar atendimento a essa população.

O documentário analisado pelo grupo comemora os 30 anos de homologação do território Yanomami no norte do país. No entanto,

o material também nos levou traçar um paralelo sobre o presente e o passado marcado por disputas territoriais entre povos originários e pessoas que buscam extrair as riquezas da região. O conteúdo do material começa com um grande plano geral e destaca-se também os planos e ângulos escolhidos para as entrevistas que foram concedidas pelas lideranças e aliados de longa data, como o indigenista e ex-presidente da FUNAI Sydney Ferreira Possuelo. A narrativa foi pensada para tornar o documentário um reflexo da realidade de lutas 30 anos após a conquista histórica reflexo da realidade em um sentido mais amplo.

DESENVOLVIMENTO

O documentário traz um ponto de vista sobre determinado assunto a partir do olhar de quem o produz, diferentemente da reportagem, que além de ser objetiva, está ancorada somente aos fatos e/ou acontecimentos e não deve conter na sua essência o gênero jornalístico opinativo. O documentário é uma forma de expressão, onde uma história pode ser contada por representação ou até mesmo por aqueles que viveram tal história.

“Documentário, diferentemente da ficção, é a edição (ou não) de um conteúdo audiovisual captado por dispositivos variados e distintos (câmera, filmadora, celular), que reflete a perspectiva pessoal do realizador - ou seja, nem tudo é verdade no documentário -, envolvendo informações colhidas no mundo histórico, ambientações quase sempre realistas e personagens na maioria das vezes autodeterminantes (que falam de si ou desse mundo), roteiro final definido e não necessariamente com fins comerciais, com o objetivo de atrair nossa atenção.” (Lucena: 2008, p. 16)

“Os Yanomami são terra. Não pode destruir a terra sagrada, que seja respeitada junto com as crianças, o futuro e também junto com os pajés. Ela não é para o branco, não é para o estrangeiro. Território Yanomami pertence ao povo Yanomami.”

A declaração impactante marca o início do documentário “Terra Yanomami – Celebra 30 anos da homologação.” No dia 25 de maio de 2022, mais de 500 pessoas se reuniram na comunidade Xihopi, em terra indígena Yanomami, localizada no estado do Amazonas. O objetivo era comemorar os 30 anos da conquista histórica do povo da fronteira onde foi finalmente respeitado um dos artigos da Constituição Federal promulgada em 1988, que assegura aos povos originários “os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.

Os planos e ângulos escolhidos durante as entrevistas com lideranças locais e aliados históricos da causa - Davi Kopenawa, Krenak, Sidney Possuelo e Joênia Wapichana – dão a dimensão da importância dos relatos para o telespectador.

A vitória desse povo pela sua terra, aconteceu em um momento conturbado, afinal, na década de

1970 a política do país era comandada por militares, e a ordem era que território na fronteira não poderia ter um povo indígena na fronteira. Apesar dos esforços contrários, em 25 de maio de 1992, após quase 15 anos, o povo conseguiu a demarcação de sua terra por direito, o seu domínio de suas terras sagradas.

A terra indígena Yanomami contém uma população de pouco mais de 25 mil indígenas, mais de 370 comunidades, mais de 3 línguas e um tamanho de quase 10 milhões de hectares. O processo de demarcação começou em 77 com a proposta de demarcar 19 ilhas, nessa década a reserva enfrentava a primeira invasão garimpeira. Após uma longa batalha, que teve até articulação internacional, o governo brasileiro, à época presidido por Fernando Collor, homologou a reserva.

Sidney Possuelo, ex-presidente da Funai expõe que a obrigação dos cuidados para e com o povo é do Estado. Faz-se necessária uma ação imediata do Estado Brasileiro nas áreas Yanomamis. Para que uma terra indígena seja reconhecida, antes o espaço precisa passar pela demarcação física. Depois de delimitada a área, é feita a chamada homologação, etapa final do processo, quando o presidente da República publica um decreto criando a reserva.

Peça fundamental na luta, o líder e xamã do povo Yanomami, David Kopenawa virou referência para o seu povo. ““Por que eu luto? Porque estou vivo. Eu acredito na minha luta. Estou lutando para os novos, as crianças, os adultos do meu povo não morrerem tão cedo”, disse Davi Kopenawa em março de 1991, durante o processo pela demarcação.

A campanha a favor da homologação foi encabeçada pela entidade Comissão Pró-Yanomami e internacionalmente pela Survival International, uma organização não-governamental que defende os povos indígenas ao redor do mundo e até hoje atua em prol dos Yanomamis.

Davi Kopenawa, atualmente, é presidente da Hutukara Associação Yanomami (HAY), a mais representativa organização deste povo. O filho dele, Dário Kopenawa, que é o vice-presidente, afirma que, mesmo diante das violações de direitos, os indí-

O povo fez a sua celebração em meio a um período conturbado na sua história, não é de hoje o sofrimento desse povo com os invasores ilegais motivados pelo garimpo. O sofrimento de suas crianças, seus idosos, a exploração sexual, suas áreas contaminadas com material perigoso. Apesar de um presente sofrido, os Yanomamis demonstram toda sua força na obra audiovisual, com suas celebrações sagradas convidando os espíritos da floresta para celebrarem lado a lado.

“Muitos anos de luta e a terra indígena ainda vem sofrendo com essa invasão do garimpo ilegal. Não é de hoje, e a gente segue lutando para que isso não aconteça para as futuras gerações.” Maurício Ye'kwana, Liderança Ye'kwana.

Carlo Zacchini, fundou a comissão para a criação do Parque Indígena Yanomami. Ele relata que conheceu o povo há 27 anos, enquanto estava trabalhando em outra campanha, quando decidiu abandonar a atual campanha e se dedicar na luta do parque Yanomami. Ele afirma que entre os Yanomami, ele se deu conta que havia coisas bonitas nas terras sagradas e que entre eles, a humanidade parecia ser muito melhor. “Entre os Yanomami eu aprendi a ser mais humano.”

Em meio a comemoração da demarcação da terra, foi realizado o 3º Fórum de Lideranças que visava traçar estratégias para enfrentar o garimpo ilegal nas terras. Com um olhar sentimental e orgulhoso, o material representa bastante o que é a luta Yanomami, a sua força na resistência e seu orgulho em ser desse povo. O povo não busca nada além de paz, por direito. Cuidar de suas crianças, seus idosos e seus líderes. É falado bastante durante de todo o material sobre futuro, há uma visão futurística para esse povo, um olhar esperançoso e realista de manter sua cultura viva, transferir entre gerações o que é ser Yanomami e o porquê dessa luta. Quem sabe daqui mais 30 anos, haverá uma celebração para lembrar a defesa de suas terras pelos seu próprio povo, que infelizmente sofreu com diversos crimes, mas que jamais desistiu de lutar pelo que é seu.

“A demarcação é fundamental para estabelecer um limite para os brancos, que eles saibam até onde podem ir sem fazer mal a esses povos” Afirma, Sidney.

Nas palavras finais do material: “Para mim o futuro é indígena, para hoje eu estar aqui falando, existiu um ante-

passado que dizia a mesma coisa e sempre vai continuar sendo indígena.” Alessandra Korap Munduruku, Liderança Munduruku.

CONSIDERAÇÕES

O documentário escolhido para análise “Terra Yanomami celebra 30 anos da homologação” permitiu a ampliação de um tema tão importante e atual quanto era três décadas atrás. Somado a isso, pesquisas complementares sobre a época em que foi demarcada o território Yanomami, concluiu-se que apesar dos avanços, ainda há um longo caminho para que os povos originários que vivem na região do extremo norte do país tenham acesso a um direito fundamental estabelecido na Constituição Cidadã de 1988. O material produzido pelo Instituto Socioambiental (Organização da Sociedade Civil, sem fins lucrativos), traz relatos de peças-chave para os avanços alcançados na década de 1990, como o ex-presidente da Funai que liderou operações de retirada dos invasores do território em operações coordenadas por órgãos federais.

REFERÊNCIAS

- <https://www.yanomami30anos.org/>
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. São Paulo: Ed. Pearson, 2006.
- FERREIRA, Gonzaga. **Redação científica: como entender e escrever com facilidade**. São Paulo: Atlas, v. 5, 2011.
- MÜLLER, Antônio José (Org.) et al. **Metodologia Científica**. Indaial: Uniasselvi, 2013.
- PEROVANO, Dalton Gean. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. Curitiba: Ed. Intersaberes, 2016.
- LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários**, 2012.

FICHA TÉCNICA DO DOCUMENTÁRIO

Realização: Fórum de Lideranças Yanomami e Ye'kwana e associações da Terra Indígena Yanomami (Hutukara, Seduume, Texoli, Hwenama, Kurimaka, AYRCA e Kumirayoma)
Produção: Instituto Socioambiental (ISA)
Apoio: Embaixada Real da Noruega, Rainforest Foundation Norway, Re:Wild, CAFOD
Imagens: Carol Quintanilha
Captação de som: Carol Quintanilha
Reportagem e produção local: Bruno Weis e Marina Terra
Edição e montagem: João Feitosa e Fred Rahal Mauro
Imagens extras: Fred Rahal Mauro e Cassandra Mello
Produtora: Joint
Produtor: Maurício Yamashita Kazu
Motion lead: Christian Balzano
Motion Design: Gabriel Santana, Pedro Silveira
Montagem: Gabriel Santana
Cor: Gabriel Santana, Pedro Silveira

A ÚLTIMA FLORESTA: ANÁLISE DE DOCUMENTÁRIO ENVOLVENDO A TEMÁTICA YANOMAMI

Jhonatans Andrade - Isabella Daliane - Celeste Santos - Calebe Nascimento

INTRODUÇÃO

Nesta transversal, visando abordar os assuntos lecionados pelo Professor Rômulo Araújo na aula de Documentário do curso de Jornalismo. Faremos uma análise técnica e humanizada do documentário “A Última Floresta”, abordaremos nesta análise em poder mostrar como o documentário pode ser uma produção audiovisual que lida com a verdade, mostrando ou fatos que são reais ou não imaginários, o que é chamado de “não-ficção”.

Este longa visa mostrar a rotina dos Yanomamis, grupo indígena que habita as terras da Amazônia brasileira e venezuelana há mais de 1000 anos. Nesta produção, pode ser observar a luta dos povos originários para manter a tradição, cultura e a proteção contra os garimpeiros.

DESENVOLVIMENTO

Com um mix do mítico e do real, o diretor Luiz Bolognesi encontra os habitantes Yanomami resistentes em seu pequeno espaço de convivência em meio a uma grande área de proteção florestal. A dificuldade de compreender o que é real e o que é interpretação no documentário A Última Floresta, na ambiguidade que a imagem e a narrativa evocam, é uma grande isca estilística com a qual o diretor dirige as cenas e escreve seu roteiro junto com o xamã Yanomami, David Kopenawa. Porque entre o problema real da mineração comercial, que desregula a natureza, e a crença na origem do chão da floresta, interpretada pelos próprios indígenas no filme, há o mal espiritual desencadeado pelos garimpeiros e o teatro esclarecedor dos indígenas ancestrais que não são deixados de lado no documentário.

A forma como o filme é iniciado é muito inclusiva na mistura do que é real em termos de geografia entre a Venezuela e o Brasil na floresta amazônica e o que é místico, valorizando o silêncio e as nuvens que a primeira cena captada e na fotografia que explora planos detalhes ao mostrar os indígenas se preparando para os rituais, grande plano geral ao ressaltar o tamanho da área ocupada pelo povo Yanomami, plano próximo nos diálogos entre o povo. O mesmo método limita-se à forma como o realizador escolhe uma família da aldeia para se concentrar no seu cotidiano, fazendo com que o telespectador se sinta parte daquele local. Ao acompanhar essa família, começa-se a ouvir as palavras de Davi Kopenawa, que cria verbalmente o conflito principal do filme sobre os homens brancos invadindo a região, destruindo a natureza e corrompendo outros índios do universo original. Novamente, esse conflito é tão real, físico e natural que acaba sendo muito envolvente.

Dessa forma, o filme mostra o desenvolvimento da resistência Yanomami, em preservar sua cultura e costumes de invasores. Essa resistência é retratada na forma de como eles preparam rituais pintando-se e usando do arco e flecha para lutar contra os garimpeiros e como eles se “purificam” no rio após a batalha. Mas entrando na linguagem do real e do espiritual que o documentário propõe, em contato direto com essa luta, o espectador passa a conhecer mais sobre a cultura religiosa que está na base dessa luta, além da divisão do espaço.

O destaque do documentário está na representação do imaginário na imagem documental, na famosa incerteza da cinematografia, que cria efeitos na realidade do espectador, ao contar sobre a origem do

mundo na cultura Yanomami, na qual Davi explica aos homens que estão ao seu redor pela oca, e na montagem das cenas, se apoia a ilustração disso, do que está sendo contado. Os irmãos Omama e Yoasi, que deram origem aos Yanomami, tomam forma: dois atores indígenas interpretam a história e dão uma dimensão abstrata do tempo no realismo teatral levado à tela. Dessa forma, a crença na briga dos irmãos, em que Omama banuiu Yoasi e enterrou o minério no solo para que não fosse encontrado, acaba por vincular o conflito ao garimpo, tornando-o ainda mais verossímil. Não é apenas uma fé falada por um xamã, mas interpretada em um corte dramático em um documentário sobre um espírito maligno que pode ser libertado pelos garimpeiros e prejudicar os indígenas da região.

Assim, o amálgama do sobrenatural e do realista se unirá de uma vez por todas. O diretor de *A Última Floresta* ainda explora mais o tempo de tela ao valorizar o ritual de revelação dos planos dos garimpeiros e ao identificar o espírito maligno que começa a tentar um nativo e possivelmente fazer outro desaparecer da aldeia, o mesmo que foi o pai da família que apresenta o filme. O drama novamente explora essa incerteza sobre o que é real ou roteirizado, mas nunca deixando de ser real na medida em que refere-se ao atual conflito de terras que os nativos estão lutando para manter é extremamente factual.

Dessa forma, o diretor encerra seu filme de forma deslocada no enredo temporal de uma obra documental universalizada, retratando o xamã Davi Kopenawa sendo assistido em uma universidade dos Estados Unidos.

Por fim, o documentário brasileiro combina mistério e realismo, projetando tanto e pouco se sabe sobre os grupos indígenas "isolados" sob a ótica de uma sociedade urbanizada. Muito do efeito do filme decorre dessa ruptura no tecido social da imaginação lúdica, como se as histórias dos Yanomami não tivessem, para alguns,

seu poder interpretativo na arte cinematográfica da representação teatral, apenas na oratória da oralidade. Pensando nisso, enquanto o pequeno lugar onde as pessoas estão na floresta, observamos através da fotografia isométrica que fecha a obra, as grandiosas proporções com que o diretor coloca o espectador na documentação de uma luta real e crença religiosa desses povos indígenas são simultâneas na Amazônia.

CONSIDERAÇÕES

O documentário "*A Última Floresta*" é uma obra cinematográfica fascinante que apresenta a vida e a cultura dos Yanomami, um povo indígena da Amazônia brasileira, que tem lutado para preservar sua terra e sua identidade cultural em um mundo cada vez mais globalizado. O diretor Luiz Bolognesi oferece uma visão íntima e cuidadosa da comunidade, sem romantizar nem demonizar seu estilo de vida. Ele nos mostra como os Yanomami conseguem combinar a tradição e a modernidade em um equilíbrio delicado e precioso. Além disso, o documentário aborda de maneira profunda e sensível o tema da relação entre os seres humanos e a natureza, fazendo um apelo para que valorizemos e protejamos a biodiversidade e a sabedoria dos povos tradicionais. Em suma, é um documentário que inspira e provoca reflexão sobre a importância da preservação da cultura e da natureza para a sobrevivência de nosso planeta e de nossa humanidade.

REFERÊNCIAS

BOLOGNESE, Luiz; KOPENAWA, Davi. **Documentário A Última Floresta**. Disponível na Netflix. 2021.

https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/09/02/interna_cultura,1301643/filme-de-luiz-bolognesi-e-davi-kopenawa-mostra-a-luta-do-povo-yanomami.sht

Revista Select - 16/04/2019
<https://select.art.br/yoasi-sobre-omam>

Amazônia Real - 18/04/2021
<https://amazoniareal.com.br/a-ultima-floresta-e-um-olhar-de-urgencia-pela-protexao-dos-yanomami-diz-diretor/>

ENCERRAMENTO



Chegamos ao final deste ebook, que reuniu os trabalhos e produções das turmas do curso de Jornalismo da Fametro, todos voltados para a atividade transversal com foco na crise sanitária dos Yanomami. Ao longo das páginas, testemunhamos a dedicação e o comprometimento dos estudantes em explorar essa temática tão relevante e urgente. Cada trabalho apresentado neste ebook, desde o artigo opinativo até o radiodocumentário e a análise de documentários, trouxe abordagens únicas e complementares sobre a crise Yanomami. Eles mostraram a importância de integrar disciplinas diversas, como Antropologia, Sociologia, Redação Jornalística e Comunicação Organizacional, para uma compreensão mais ampla e aprofundada dos desafios enfrentados por essa comunidade indígena. Além disso, os trabalhos realizados evidenciaram a potência do jornalismo como ferramenta de conscientização e mobilização social. Ao trazer à tona as vozes indígenas silenciadas, os estudantes demonstraram seu compromisso com a busca da verdade, da justiça e da defesa dos direitos humanos.

A atividade transversal realizada pelas turmas do curso de Jornalismo da Fametro na abordagem da crise Yanomami serviu como um exemplo inspirador de como a interdisciplinaridade pode enriquecer a formação dos futuros jornalistas, preparando-os para lidar com questões complexas e desafiadoras da nossa sociedade. Esperamos que este ebook tenha despertado em você, leitor, a conscientização sobre a importância de abordar temas sensíveis como a crise sanitária dos Yanomami e a valorização da diversidade cultural e dos direitos dos povos indígenas. Que ele tenha motivado reflexões e diálogos em busca de soluções e mudanças positivas.

Agradecemos a todos os estudantes que se dedicaram a esses projetos, aos professores que os orientaram e à Fametro por incentivar e apoiar iniciativas que promovam uma formação acadêmica completa e comprometida com o papel transformador do jornalismo na sociedade. Que os trabalhos apresentados neste ebook sirvam como um convite para que cada um de nós, jornalistas e cidadãos, assuma a responsabilidade de ser uma voz ativa na busca por justiça, equidade e respeito, dando destaque às histórias e lutas daqueles que mais precisam ser ouvidos. Seguimos em frente, em busca de um jornalismo comprometido e sensível, capaz de promover a mudança e construir um futuro mais inclusivo e solidário.